

GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA



GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA



Guerras do Alecrim e Manjerona

António José da Silva

Projecto Adamastor

Índice

[FICHA TÉCNICA](#)

[PARTE I](#)

[CENA I](#)

[CENA II](#)

[CENA III](#)

[CENA IV](#)

[PARTE II](#)

[CENA I](#)

[CENA II](#)

[CENA III](#)

[CENA IV](#)

[CENA V](#)

[CENA VI](#)

[CENA VII](#)

Ficha Técnica

Título: *Guerras do Alecrim e Manjerona*

Autor: António José da Silva

Data Original de Publicação: 1744 (peça originalmente representada no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, no Carnaval de 1737)

Data de Publicação do eBook: 2020

Imagem da Capa: *The Courtesan and the Old Man*, de Lucas Cranach der Ältere

Revisão: Cláudia Amorim e Ricardo Lourenço

ISBN: 978-989-8698-64-3

Texto-Fonte: *Teatro Cómico Português*. Lisboa: Régia Oficina Silviana, 1747.

O Projecto Adamastor não adopta o Acordo Ortográfico de 1990 nas suas edições.



Este trabalho foi licenciado com uma [Licença Creative Commons - Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/).

Ópera joco-séria que se representou no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, no Carnaval de 1737.

INTERLOCUTORES

D. Gilvaz

D. Fuas

D. Tibúrcio

D. Lancerote, velho

D. Clóris, sobrinha de D. Lancerote

D. Nise, sobrinha de D. Lancerote

Sevadilha, graciosa, criada

Fagundes, velha, criada

Semicúpio, gracioso, criado de D. Gilvaz

PARTE I

CENA I

Prado, com casaria no fim. Saem D. Clóris, D. Nise e Sevadilha com os rostos cobertos; e D. Fuas, D. Gilvaz e Semicúpio, seguindo-as.

D. GILVAZ

(Para D. Clóris)

Diana destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando remora me suspendeis, sois íman, que me atraís.

D. FUAS

(Para D. Nise)

Flora destes prados, suspendei a fatigada porfia de vosso desdém, que essa discorde fuga, com que me desenganais, é harmoniosa atracção de meus carinhos; pois nos passos desses retiros forma compassos o meu amor.

SEMICÚPIO

(Para Sevadilha)

E tu, que vens atrás, serás a Siringa destas brenhas; e, para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atrás, pois apesar dos esguichos de teu rigor, hei-de ser conglutinado rabo-leva das tuas costas.

D. CLÓRIS
(*Para D. Gilvaz*)

Cavalheiro, se é que o sois, peço-vos, me não sigais, que mal sabeis o perigo a que me expõe a vossa porfia.

D. GILVAZ

Galhardo impossível, em cujas nubladas esferas ardem ocultos dous sóis e se abrasa patente um coração, permiti, que esta vez seja fineza a desobediência, porque seria agravo de vossos reflexos negar-lhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor, porque assim, formosa ninfa, ou hei-de ver-vos ou seguir-vos, por que conheça, já que não o Sol desse Oriente, ao menos o Oriente desse Sol.

D. CLÓRIS
(*Aparte*)

Que será de mim, se este homem me seguir?

D. NISE

Já parece teima essa porfia: vede, Senhor, que se me seguís, que impossibilitais o meio para ver-me outra vez.

D. FUAS

Para que são, belíssimo encanto, esses avaros melindres do repúdio? Se já comecei a querer-vos, como posso deixar de seguir-vos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serei eterno girassol de vossas luzes.

SEVADILHA
(*Para Semicúpio*)

Ora basta já de porfia, senão vou revirando.

SEMICÚPIO

Tem mão, sarjeta encantadora, que com embiocadas denguiques, feita papão das almas, encobres olho e meio, para matares gente de meio olho; são escusados esses esconderelos, pois pela unha desse melindre conheço o leão dessa cara.

D. CLÓRIS

Isso já parece teima.

D. GILVAZ

Isto é querer-vos.

D. NISE

Isso é porfia.

D. FUAS

É adorar-vos.

SEVADILHA

Isso é empurração.

SEMICÚPIO

Agora, isto é bichancrear, pouco mais ou menos.

D. GILVAZ

Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grosseria não obedecer, entendei que a nossa curiosidade e amor não permitirá que vos ausenteis, sem ao menos com a certeza de nos tornarmos a ver, dando-nos também o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

D. FUAS

Eis ali, Senhora, o que queremos.

SEVADILHA

Em termos, sem tirar nem pôr.

D. CLÓRIS

Pois, Senhor, se só por isso esperais, bastará que esse criado nos siga; porque de outra sorte destruí o mesmo que edificais.

D. GILVAZ

E admitireis a minha fineza?

D. CLÓRIS

Sendo verdadeira, porque não?

D. FUAS

Admitireis os repetidos sacrifícios de meu amor?

D. NISE

Sim, se for amor constante.

D. GILVAZ e D. FUAS

Quem essa dita me abona?

D. NISE

(Para D. Fuas)

Este ramo de manjerona.

D. FUAS

Na minha alma o disporei, para que sempre em virentes pompas se ostente troféu da Primavera.

D. GILVAZ

Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

D. CLÓRIS

Este ramo de alecrim, que tem as raízes no meu coração, seja o fiador que me abone.

D. GILVAZ

Por único na minha estimação será esse alecrim o Fénix das plantas, que abrasando-se nos incêndios do meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

SEMICÚPIO

Isso é bom, segurar o barco; mas a tácita hipoteca não me cheira muito, digam o que quiserem os jardineiros.

D. CLÓRIS

Cada uma de nós estima tanto qualquer dessas plantas, que mais fácil será perder a vida, do que elas percam o crédito de verdadeiras.

SEMICÚPIO

Ai! Basta, basta, já aqui não está quem falou. Vossas mercês perdoem, que eu não sabia que eram do rancho do alecrim e manjerona: resta-me também que tu, cozinheirinha, vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois também me quero segurar.

SEVADILHA

Eis aí tem esse malmequer, que este é o meu rancho; estime-o bem, não o deixe murchar.

SEMICÚPIO

Ditoso seria eu, se o teu malmequer se murchasse.

D. CLÓRIS

Pois, Senhor, como estais satisfeito, desejarei estimásseis esse ramo, não tanto como prenda minha, mas por ser de alecrim.

D. NISE

O mesmo vos recomendo da manjerona.

D. CLÓRIS

Advertindo, que aquele que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a manjerona, ou alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossíveis.

D. NISE

Desejara que triunfasse a manjerona. (*Vai-se.*)

D. CLÓRIS

E eu o alecrim. (*Vai-se.*)

SEVADILHA

Cuidado no malmequer. (*Vai-se.*)

SEMICÚPIO

Cuidado no bem-me-quer.

D. GILVAZ

Ó Semicúpio, vai seguindo-as, para sabermos aonde moram; anda, não as percas de vista.

SEMICÚPIO

Elas já lá vão a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas. (*Vai-se.*)

D. FUAS

Quem serão, amigo D. Gilvaz, essas duas mulheres?

D. GILVAZ

Essa pergunta não tem resposta, pois bem vistes o cuidado com que vendaram o rosto, para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento e asseio, indicam ser gente abastada.

D. FUAS

Oxalá que assim fora, porque, em tal caso, admitindo os meus carinhos, poderei com a fortuna do esposo ser meeiro no cabedal.

D. GILVAZ

Ai, amigo D. Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter sobre que cair morto?

D. FUAS

Elas foram aturdidadas com palanfrórios.

D. GILVAZ

Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras.

(Entra Semicúpio.)

SEMICÚPIO

Já fica assinalada na carta de marear toda a costa, de leste ao oeste, com seus cachopos e baixios.

D. GILVAZ

Aonde moram?

SEMICÚPIO

São as nossas vizinhas, sobrinhas de D. Lancerote, aquele mineiro velho que veio das minas o ano passado.

D. FUAS

Basta que são essas? Por isso elas cobriram o rosto.

SEMICÚPIO

Isso têm elas, que não são descaradas; antes são tão sisudas, que nunca encararam para ninguém.

D. GILVAZ

Uma delas sei eu que se chama D. Clóris.

SEMICÚPIO

E a outra D. Nise, isso sabia eu há muito tempo.

D. FUAS

E como saberei eu qual delas é a da manjerona?

SEMICÚPIO

Isso é fácil, em sabendo-se qual é a do alecrim, logo se sabe qual é a da manjerona?

D. FUAS

Grande subtileza! Vamos, D. Gil.

SEMICÚPIO

Já que se vão, advirtam de caminho que, segundo as notícias que tenho, bem podem desistir da empresa; porque o velho é tão cioso das sobrinhas, como do dinheiro; a casa é um recolhimento; as portas, de bronze; as janelas, de encerado; as frestas são óculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêem; as trapeiras são zimbórios tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras e as chaves das portas, discípulas, porque ainda não sabem abrir; mas só um bem há, e é que, tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro; com que, Senhores meus, outro ofício: contentem-se com cheirar a sua manjerona e o seu alecrim, que amor que entra pelo nariz não é bem que chegue ao coração.

D. GILVAZ

Semicúpio, não temo impossíveis, tendo da minha parte a tua indústria, que espero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

SEMICÚPIO

Ah, Senhor D. Gilvaz, o meu aríete já se acha mui cansado com tanto vaivém, pois nem todo o artifício de minhas máquinas pode abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se dificulta aos meus merecimentos.

D. GILVAZ

Semicúpio amigo, tem ânimo, que se montamos a burra de D. Lancerote, saltaremos de contentes.

SEMICÚPIO

Tal é a minha desgraça e sua miséria, que ainda com essa burra me dará dous couces.

D. GILVAZ

D. Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o alecrim.

D. FUAS

D. Gilvaz, vamos a forro e a partido, pois que Semicúpio é tão destro na matéria.

D. GILVAZ

Por hora não pode ainda ser; deixai-me primeiro tentar o vau, que vós também navegareis no mar de Cupido.

D. FUAS

Isso não merece a nossa amizade.

D. GILVAZ

Se vós sois do rancho da manjerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do alecrim; e, como nas guerras destas plantas havemos os dous ser contrários, mal poderei socorrer-vos; e assim, ficai-vos embora, D. Fuas, e viva o alecrim. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

E viva o malmequer. *(Vai-se.)*

D. FUAS

Viverá a manjerona apesar do mais intensivo ardor de opostos Planetas.

(Aparece Fagundes com manto e capelo.)

FAGUNDES

É bom sumiço! Aonde estarão estas meninas, que há mais de quatro horas que foram à missa, e ainda não há fumo delas? Meu Senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com uma criada?

D. FUAS

Que sinais tinham?

FAGUNDES

Tinha uma delas uns sinais pretos no rosto, e a outra uns sinais de bexigas.

D. FUAS

E que mais?

FAGUNDES

Uma delas tem os olhos verdes, cor de pimentão que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; uma tem cova na barba, e a outra barba na cova; uma tem espinhela caída, e a outra um leicença num braço.

D. FUAS

Com esses sinais, nunca vi mulher nesta vida.

FAGUNDES

Meu Senhor, uma delas trazia um ramo de alecrim no peito, e a outra de manjerona.

D. FUAS

Vi muito bem que são as sobrinhas de D. Lancerote.

FAGUNDES

Essas mesmas são: ora diga-me aonde as viu?

D. FUAS

Promete-me vossa mercê fazer-me quanto eu lhe pedir?

FAGUNDES

Ai, que cousa me pedirá vossa mercê que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

D. FUAS

Pois descanse, que elas aqui estiveram, e agora foram para casa.

FAGUNDES

Ai, boas novas tenho.

D. FUAS

Ora pois, em alvissaras dessa boa nova, quero me diga como se chama...

FAGUNDES

Eu? Ambrósia Fagundes, para servir a vossa mercê.

D. FUAS

Digo, como se chama a que trazia a manjerona no peito?

FAGUNDES

Chama-se D. Nise.

D. FUAS

Pois, Senhora Ambrósia Fagundes, saiba que eu adoro tão excessivamente a D. Nise, que em prêmio do meu extremo me franqueou este ramo de manjerona.

FAGUNDES

É verdade, que pelo cheiro o conheço, que é o mesmo.

D. FUAS

E, como me dizem os impossíveis que há-de a poder comunicar, quisera dever-lhe a galantaria de ser minha protectora nesta amorosa pretensão; e fie de mim, que o prêmio há-de ser igual ao meu desejo.

FAGUNDES

Meu Senhor, difícil empresa toma vossa mercê; porque além da excessiva cautela do tio, que nisso não se fala, uma delas está para casar com um primo, que hoje se espera de fora da terra, e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu Senhor, desengane-se, que ali não há que arranhar.

D. FUAS

E qual delas é a que casa?

FAGUNDES

Ainda se não sabe; porque o noivo vem à escolha daquela que mais lhe agradar.

D. FUAS

Como o vencer impossíveis é próprio de um verdadeiro amante, nós havemos de intentar esta empresa, saia o que sair; que a diligência é mãe de boa ventura; favoreça-me vossa mercê, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido; tenho dinheiro e resolução e, tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da manjerona.

FAGUNDES

Pois por mim não se desmanche a festa, que eu não sou desmancha-prazeres; esta noite o espero debaixo da janela da cozinha; sabe aonde é?

D. FUAS

Bem sei.

FAGUNDES

Pois espere-me aí, que eu lhe direi o que há na matéria.

D. FUAS

Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

FAGUNDES

Ai! Levante-se, Senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados, e um tanto fétidos; descanse, Senhor, que D. Nise há-de ser sua, apesar das cautelas do tio e das carícias do noivo.

D. FUAS

Se tal consigo, não tenho mais que desejar.

(Canta D. Fuas a seguinte:)

ÁRIA

Se chego a vencer
De Nise o rigor,
De gosto morrer
Você me verá.

 Porém se um favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá. *(Vai-se.)*

FAGUNDES

Estes homens, tanto que são amantes, logo são músicos; e eu neste
entendo terei boa melgueira; e mais eu que sou abelha-mestra, que hei-de
chupar o mel da manjerona e do alecrim.

CENA II

Câmara. Entram D. Nise, D. Clóris e Sevadilha.

SEVADILHA

Ai, Senhora, que ainda não creio que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, não nos acha o Senhor velho!

D. CLÓRIS

Em boa nos metemos!

D. NISE

Nunca tal nos sucedeu: que te parece, D. Clóris, a porfia daqueles homens em nos querer conhecer?

SEVADILHA

Sim, Senhora, como se nós fôssemos suas conhecidas.

D. CLÓRIS

E a facilidade com que se namoram logo estes homens é o que mais me admira!

SEVADILHA

Pois o maldito do criado, que tanto se meteu comigo como piolho por costura!

D. CLÓRIS

Que te veio dizendo?

SEVADILHA

Mil despropósitos misturados com várias finezas esfarrapadas.

(Entra Fagundes com manto apanhado no braço.)

FAGUNDES

Ainda esses alecrins e manjeronas hão-de dar nos narizes a muita gente.

D. NISE

Que diz, Fagundes?

FAGUNDES

Digo que bem escusados eram estes sustos; ora digam-me, Senhoras, se seu tio viesse e as não achasse em casa, que seria de mim?

D. CLÓRIS

Não falemos nisso, que ainda estou a tremer.

FAGUNDES

Apostemos que isso foram conselhos desta Senhora que aqui está?

SEVADILHA

Apelo eu, que testemunho! Olhe o diabo da mulher, parece que me tem tomado à sua conta!

FAGUNDES

Coitada, como se desconjura!

SEVADILHA

Ainda por amor dela me hei-de ir desta casa.

(Entra D. Lancerote.)

D. LANCEROTE

Fagundes, depressa, vá deitar mais um ovo nos espinafres, que aí vem meu sobrinho D. Tibúrcio, já que sou tão desgraçado, que por mais meia hora não chega depois de jantar.

FAGUNDES

Eu vou, meu Senhor; mas cuido que o noivo a estas horas comerá novilho. *(Vai-se.)*

D. LANCEROTE

Agora, minhas sobrinhas, é chegado o vosso esposo; não tenho que encomendar-vos o modo com que o haveis de tratar.

D. CLÓRIS

(Aparte)

Já vem tarde.

D. NISE
(Aparte)

Veremos a cara a este noivo.

SEVADILHA
(Aparte)

Pois dizem que é um galante lapuz.

(Entra D. Tibúrcio com botas, vestido ridiculamente.)

D. LANCEROTE

Amado sobrinho, dá-me os braços: é possível que vejo a um filho de meu irmão!

D. TIBÚRCIO

Sim, Senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquelas chouriças que vêm no alforge, não as dizime o arrieiro, que tem em cada mão cinco águias rapantes.

D. LANCEROTE

Isso me parece bem, seres poupado; eu vou a isso. *(Vai-se.)*

D. CLÓRIS

Que te parece, Nise, a discrição do noivo?

D. NISE

Muito bom princípio leva.

SEVADILHA

(Aparte)

Parece que o seu génio mais se casa com o alforge.

D. TIBÚRCIO

(Aparte)

As primas não são más; porém a moça me toa mais.

(Entra D. Lancerote.)

D. LANCEROTE

Sossegai, sobrinho, que já tudo está arrecadado.

D. TIBÚRCIO

Agora sim; amado tio meu, por cujos humanos aquedutos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permiti que os meus sequiosos lábios osculem esses pés, dedo por dedo.

D. LANCEROTE

Levantai-vos; sois discreto, meu sobrinho. Pois vosso pai era um pedaço d'asno, Deus lhe perdoe.

D. TIBÚRCIO

Não está mais na minha mão; em abrindo a boca, me chovem os conceitos aos borbotões.

D. LANCEROTE

Falai a vossas primas, e minhas sobrinhas, D. Nise e D. Clóris.

D. TIBÚRCIO

Eu vou a isso.

SONETO

Primas, que na guitarra da constância
Tão iguais retinis no contraponto,
Que não há contraprima nesse ponto,
Nem nos porpontos noto dissonância:
Oh falsas não sejais nesta jactância;
Pois quando atento os números vos conto,
Nessa beleza harmónica remonto
Ao plectro da Febina consonância:
Já que primas me sois, sede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaste
Ouvir de um cavalete as frioleiras;
Se encordoais de ouvir-me, ó primas, baste
De dar à escaravelha em tais asneiras,
Que enfim isto de amor é um lindo traste.

D. LANCEROTE

Também sois poeta, meu sobrinho?

D. TIBÚRCIO

Também temos nosso entusiasmo, Senhor tio; isto cá é veia capilar e natural.

D. LANCEROTE

Oh, quanto me pesa que sejais poeta, pois por força haveis de ser pobre.

D. TIBÚRCIO

Agora, Senhor, eu sou um rico poeta; pois, primas, que dizeis da minha eloquência? Não me respondeis?

D. CLÓRIS

Os anjos lhe respondam.

D. NISE

Aí não há mais que dizer.

D. TIBÚRCIO

Ah, Senhor tio, esta rapariga é cá da obrigação de casa?

D. LANCEROTE

É moça da almofada.

D. TIBÚRCIO

Não é mal estreada; e que olhos tem! Benza-te Deus!

SEVADILHA

Quer Deus que trago um corninho, por amor do quebranto.

D. LANCEROTE

Eu cuido, sobrinho, que mais vos agrada a criada do que a noiva.

D. TIBÚRCIO

Tudo o que é desta casa me agrada muito.

D. LANCEROTE

Agora vamos ao intento: sabereis, minhas sobrinhas, que vosso primo D. Tibúrcio, filho de meu irmão D. Trifónio e de D. Pantaleoa Reboldã, o qual era também irmão de vosso pai, e meu irmão D. Blianis, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que, a ser possível casar com ambas, o fizera sem cerimónia, que para mais é o seu primor.

D. TIBÚRCIO

Por certo que sim; e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo meter no coração tudo o que for desta casa.

D. LANCEROTE

Eu o creio, meu sobrinho: nisso saís a vosso pai.

D. CLÓRIS

(Aparte)

Não vi maior asno!

D. NISE

(Aparte)

Nem eu maior simples!

(Diz fora Semicúpio.)

SEMICÚPIO

Quem merca o alecrim?

D. CLÓRIS

Ó Sevadilha, chama a esse homem do alecrim; anda depressa.

SEVADILHA

(Aparte)

Entrou no fadário!

D. LANCEROTE

Sobrinho, não estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber que há nesta terra dous ranchos, um do alecrim, outro da manjerona, e fazem tais excessos por estas duas plantas, que se matarão umas às outras.

D. TIBÚRCIO

E vossa mercê consente que minhas primas sigam essas parcialidades?

D. LANCEROTE

Não vedes que é moda e, como não custa dinheiro, bem se pode permitir?

D. TIBÚRCIO

Bem sei que isso são verduras da mocidade, mas contudo não aprovo.

D. LANCEROTE

E a razão?

D. TIBÚRCIO

Não sei.

D. CLÓRIS

Vossa mercê, como vem, com os abusos do monte, por isso estranha os estilos da Corte.

D. NISE

Calai-vos, mana, que ele há-de ser o maior apaixonado que há-de ter o alecrim e a manjerona.

D. TIBÚRCIO

Se eu enlouquecer, não duvido.

(Entra Semicúpio com um molho de alecrim ao ombro.)

SEMICÚPIO

Quem quer o alecrim?

D. CLÓRIS

Anda para cá: tem mão, não o ponhas no chão.

SEMICÚPIO

Pois aonde o hei-de pôr?

D. CLÓRIS

Aqui no meu colo; ai, no chão o meu alecrim? Isso não.

SEMICÚPIO

Pois não só o ponha no colo, mas no pescoço.

D. CLÓRIS

A quanto é o molho?

SEMICÚPIO

A real e meio, por ser para vossa mercê.

D. CLÓRIS

Põe aí cinquenta molhos.

SEMICÚPIO

Pelo que vejo, esta é D. Clóris. (*Aparte.*) Eis aí tem todos os molhos, reparta lá com a Senhora, que suponho também quererá o seu raminho.

D. NISE

Ai, tira-te para lá, homem, com esse mau cheiro.

SEMICÚPIO

(*Aparte*)

Já sei que esta é a da manjerona de D. Fuas.

D. TIBÚRCIO

Bem haja, minha prima, que não é destas invenções.

D. LANCEROTE

Porque é da manjerona, por isso aborrece o alecrim.

D. TIBÚRCIO

Resta-me que vossa mercê também tenha algum rancho.

D. LANCEROTE

Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

SEMICÚPIO

Ora demos princípio à tramóia. *(Aparte.)* Ai, Senhores, quem me acode?

D. LANCEROTE

Que tens, homem?

SEMICÚPIO

Ai, ai, confissão.

(Cai Semicúpio estrebuchando, fingindo um acidente.)

D. CLÓRIS

Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

D. NISE

Tão venenoso é o teu alecrim, que mata a quem o traz?

D. LANCEROTE

Olá, tragam água.

(Entram Fagundes e Sevadilha com uma quarta.)

SEVADILHA

Ai, Senhores, que isto é acidente de gota coral!

SEMICÚPIO

(Aparte)

O coral de teus lábios que acidentes não fará?

D. LANCEROTE

A unha de grão besta é boa para isto.

D. TIBÚRCIO

Puxem-lhe pelos dedos, que também é bom remédio.

(D. Lancerote, D. Tibúrcio, Sevadilha e Fagundes pegam em Semicúpio, e este com o estrebuchamento fará cair a todos.)

D. LANCEROTE

Mostra cá o dedo.

SEMICÚPIO

(Aparte)

Agradeço o anel.

D. TIBÚRCIO

E a força que tem o selvagem!

SEVADILHA

Eu não posso com ele.

SEMICÚPIO

Lá vai o dedo polegar cos diabos! Eu estou capaz de tornar a mim, antes que me deixem despedaçado.

D. LANCEROTE

Borrifa-o, Fagundes.

FAGUNDES

Ora deixem-no comigo. (*Borrifa-o.*)

SEMICÚPIO

Poh, Diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece que tem apostema no bofe.

D. NISE

Não se cansem, que ele não torna a si tão cedo.

SEMICÚPIO

Essa é a verdade.

FAGUNDES

Mas pelo sim, pelo não, eu lhe vazo esta quarta; que, quando Deus quer, água fria é mezinha.

SEMICÚPIO

(Aparte)

Valha-te o Diabo, que me deitaste água na fervura! Eu não tenho mais remédio que aquietar-me, senão virá como remédio algum pau-santo sobre mim.

FAGUNDES

Senhores, ele está mais sossegado depois da água; venham jantar, que a mesa está posta.

D. LANCEROTE

Vai buscar o meu capote, e cobre-o, que está tremendo o miserável.

SEMICÚPIO

(Aparte)

É maravilha que um miserável cubra outro.

D. TIBÚRCIO

Aquilo são convulsões, mas bom é cobri-lo, por amor do ar.

(Entra Fagundes com um capote.)

FAGUNDES

Eis aí o capote; se ele o babar, babado ficará.

SEMICÚPIO

(Aparte)

Anda, tola, que não me babo.

D. LANCEROTE

Tu, Sevadilha, tem sentido neste homem, enquanto jantamos. Vinde, sobrinho. *(Vai-se.)*

D. TIBÚRCIO

Vamos, que tenho uma fome horrenda. *(Vai-se.)*

D. NISE

É galante figura o tal meu primo! *(Vai-se.)*

D. CLÓRIS

Fagundes, agasalha esse alecrim.

FAGUNDES

Tanto me importa; se fora manjerona, ainda, ainda. *(Vai-se.)*

SEVADILHA

Só isto me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

SEMICÚPIO

Vejamos quem é esta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira; ai, que suponho que é a menina do malmequer, que lá traz um no cabelo! Vamos erguendo, por ver se nos quer bem. *(Vai-se erguendo.)*

SEVADILHA

Deite-se, deite-se; ai, que o homem tem frenesis! Acudam cá.

SEMICÚPIO

Cala-te, Sevadilha, não perturbes esta primeira ocasião de meu amor.

SEVADILHA

Deixe-se estar coberto.

SEMICÚPIO

Bem sei que o calafrio de meu amor é tão grande, que se pode cobrir diante d'el-rei; mas confesso-te que já não posso aturar o gravâmen deste capote.

SEVADILHA

Ai, que o homem está louco e furioso!

SEMICÚPIO

A fúria com que te ausentas me faz enlouquecer: não fujas, Sevadilha, que eu sou aquele sujeito do malmequer, e tão sujeito aos teus impérios, que sou um criado de vossa mercê.

SEVADILHA

Eu te arrenego, maldito homem! Tu és o desta manhã?

SEMICÚPIO

Cuidavas que não havia saber buscar modo para ver-te?

SEVADILHA

Queres que vá chamar a D. Clóris, ou D. Nise?

SEMICÚPIO

Logo irás chamar a D. Clóris; mas primeiro atende à chama de meu amor; que, se o fogo tem línguas e as paredes têm ouvidos, bem pode a dura parede de teu rigor escutar a lavareda em que me abraso. Muita coisinha te pudera eu dizer; porém a ocasião não é para isso.

SEVADILHA

Nem eu estou para essoutro.

SEMICÚPIO

Eu o dissera, que o teu malmequer não é para menos.

SEVADILHA

Nem a tua pessoa é para mais.

SEMICÚPIO

Pois isso é deveras? Olha, que desconfio.

SEVADILHA

Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte anos de desprezos, como há muitos que aturam, levando com as janelas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, sofrendo geadas, apurando-se em romances, dando descantes, feitos estátuas de amor no templo de Vénus, e, contudo, estão mui contentes da sua vida; é assim para que me buscas?

SEMICÚPIO

Para que me desenganes se me queres, ou não.

SEVADILHA

Pergunta-o ao malmequer, que ele to dirá.

SEMICÚPIO

Se eu o tivera aqui, fizera essa experiência.

SEVADILHA

E aonde está o que eu te dei?

SEMICÚPIO

Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar mo leva.

SEVADILHA

Assim te leve o Diabo.

SEMICÚPIO

Levará, que é muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

SEVADILHA

Apanha aquele malmequer, que está junto àquela porta, e pergunta-lho, que ele to dirá.

SEMICÚPIO

Pois acaso nas folhas do malmequer estão escritos os teus amores, ou os teus desdêns?

SEVADILHA

Da mesma sorte que a *buena dicha* na palma da mão.

SEMICÚPIO

Eu vou apanhar o dito malmequer. (*Vai-se.*)

SEVADILHA

Quem me dera que ficasse em mal me quer, para o fazer andar à prática!

(*Entra Semicúpio com um malmequer.*)

SEMICÚPIO

Eis aqui o malmequer; ora vamos a isso; que, se há flores que são desengano da vida, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bem me quer.

SEVADILHA

Isto é como uma sorte.

SEMICÚPIO

Queira Deus não se converta o malmequer em azar. Tem sentido, Sevadilha: amor, se sai a cousa como eu quero, eu te prometo um arco de pipa e uma venda nos Romulares, em que ganhes muito dinheiro.

(*Canta Semicúpio a seguinte:*)

ÁRIA

Oráculo de amor
Propício me responde
Nas ânsias deste ardor
Bem me queres, mal me queres,
Bem me queres, mal me queres,
Mal me queres, disse a flor.
Ai de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer!
Acabou-se o meu cuidado,
Que mais tenho, que esperar?
Vou-me agora regalar
Levar boa vida, comer, e beber.

(Entra D. Clóris.)

D. CLÓRIS

Oh, quanto folgo que já estejas bom!

SEMICÚPIO

E tão bom, que me parece que nunca tive nada.

D. CLÓRIS

Com que saraste?

SEMICÚPIO

Com o mesmo mal; porque também há males que vêm por bem.

D. CLÓRIS

Que dizes, que não te entendo? Estás louco?

SEMICÚPIO

Meu amo ainda o está mais do que eu, desde que te viu assim por maior, esta manhã; e assim, para significar-te a tremendíssima eficácia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto, aos teus átomos, para que com os disfarces do alecrim possa merecer os teus agrados.

D. CLÓRIS

Sevadilha, põe-te a espreitar, não venha alguém.

SEVADILHA

Sim, Senhora. Arre lá com o ardil do homem. (*Vai-se.*)

D. CLÓRIS

E quem é esse teu amo, que tanto me adora?

SEMICÚPIO

É o senhor D. Gilvaz, cavalheiro de tão lindas prendas, como *verbi gratia* Londres e Paris.

D. CLÓRIS

Que ofício tem?

SEMICÚPIO

Há-de ter um de defuntos, quando morrer.

D. CLÓRIS

E enquanto vivo, em que se ocupa?

SEMICÚPIO

Em morrer por vossa mercê.

D. CLÓRIS

Fala a propósito.

SEMICÚPIO

Senhora, meu amo não necessita de ofícios para manter os seus estados, porque tem várias propriedades consigo, muito boas; além disso, tem uma quinta na semana, que fica entre a quarta e a sexta, tão grande que é necessário vinte e quatro horas para se correr toda.

D. CLÓRIS

Quanto fará toda, de renda?

SEMICÚPIO

Não se pode saber ao certo; sei que tem várias rendas em Flandres e outras em Peniche e estas bem grossas; também tem um foro de fidalgo e um juro de nobreza.

D. CLÓRIS

Basta que é fidalgo?

SEMICÚPIO

Como as estrelas, que as vê ao meio-dia, e a estas horas não vê outra cousa; e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente que descende de Adão.

D. CLÓRIS

Se isso é assim, talvez que me incline a querê-lo para meu esposo.

SEMICÚPIO

Venha a resposta, Senhora, que meu amo está esperando com língua de palmo.

D. CLÓRIS

Pois ouve o que lhe hás-de dizer.

(Canta D. Clóris a seguinte:)

ÁRIA

Dirás ao meu bem,
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que à sua firmeza
Constante serei.
 Que firme eu também
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farei. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

Vencido está o negócio; mas o capote do velho cá não há-de ficar, por vida de Semicúpio; que, se a ocasião faz o ladrão, hei-de sê-lo, por não perder a ocasião. *(Vai-se com o capote.)*

(Entra Sevadilha.)

SEVADILHA

Espera, homem, onde levas o capote? E foi-se como um cesto roto! Ai, mofina desgraçada, que há-de ser de mim, se meu amo não achar o seu rico capote?

(Entra D. Lancerote.)

D. LANCEROTE

Já sarou o homem, Sevadilha?

SEVADILHA

Sim, Senhor.

D. LANCEROTE

Já se foi?

SEVADILHA

Sim, senhor.

D. LANCEROTE

Guardaste o capote?

SEVADILHA

(Aparte)

Aí é ela.

D. LANCEROTE

Não ouves? Guardaste o capote?

SEVADILHA

Qual capote?

D. LANCEROTE

O meu.

SEVADILHA

Qual meu?

D. LANCEROTE

O meu, de saragoça.

SEVADILHA

Ah, sim, o capote do homem do alecrim?

D. LANCEROTE

Qual homem?

SEVADILHA

O do acidente.

D. LANCEROTE

Tu zombas?

SEVADILHA

Zombaria fora, o homem levou o capote.

D. LANCEROTE

O meu capote?

SEVADILHA

Eu não sei se ele era de vossa mercê; o que sei é que o homem do alecrim levou um capote com que estava coberto.

D. LANCEROTE

E como o levou?

SEVADILHA

Nos ombros.

D. LANCEROTE

O meu capote furtado?

SEVADILHA

Pois nunca se viu furtar um capote?

D. LANCEROTE

Não, bribantona, que era um capote aquele, que nunca ninguém o furtou. Oh, dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te visite com os teus raios!

SEVADILHA

Santa Bárbara!

D. LANCEROTE

Tu, descuidada, hás-de pôr para ali o meu capote, ou do corpo to hei-de tirar.

SEVADILHA

Como mo há-de tirar do corpo, se eu o não tenho?

D. LANCEROTE

Desta sorte.

(Cantam D. Lancerote e Sevadilha a seguinte:)

ÁRIA A DUO

D. LANCEROTE

Moça tonta, descuidada,

SEVADILHA

Há mulher mais desgraçada
Neste Mundo? Não, não há.

D. LANCEROTE

Se não dás o meu capote,
Tua capa hei-de rasgar.

SEVADILHA

Não me rasgue a minha capa.

D. LANCEROTE

Dá-me, moça, o meu capote

SEVADILHA

Minha capa.

D. LANCEROTE

Meu capote.

AMBOS

Trata logo de o pagar.

D. LANCEROTE

Meu capote assim furtado!

SEVADILHA

Meu adorno assim rasgado!

AMBOS

Que desgraça!

D. LANCEROTE

Contra a moça

SEVADILHA

Contra o velho

AMBOS

A justiça hei-de chamar:

Meu capote donde está? (*Vão-se.*)

CENA III

Praça. No fim haverá uma janela. Entra D. Gilvaz, embuçado.

D. GILVAZ

Disse a Semicúpio que aqui o esperava; mas tarda tanto, que entendo o apanharam na empresa. Mas se será aquele que aí vem? Não é Semicúpio, que ele não tem capote. Quem será?

(Entra Semicúpio embuçado em um capote.)

SEMICÚPIO

Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deus não me cheguem ao vulto; não sei se torne para trás, mas pior é mostrar cobardia; eu faço das tripas coração; vou chegando, mas sempre de longe.

D. GILVAZ

Ele se vem chegando, e eu confesso que não estou todo trigo.

SEMICÚPIO

Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaste-se lá, deixe-me passar, aliás, o passarei.

D. GILVAZ

Vossa mercê pode passar.

SEMICÚPIO

Ai, que é D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valeroso. Quem está aí? Fale, quando não, despeça-se desta vida, que o mando para a outra.

D. GILVAZ

Primeiro perderá a sua quem me intenta reconhecer.

SEMICÚPIO

Tenha mão, Senhor D. Gilvaz, que sou Semicúpio.

D. GILVAZ

Se não falas, talvez que a graça te saísse cara.

SEMICÚPIO

Igual vossa mercê, que, se o não conheço pela voz, sem dúvida, Senhor D. Gilvaz, lhe prego com o seu nome na cara.

D. GILVAZ

Deixemos isso, dá-me novas de D. Clóris; dize, pudeste dar-lhe o recado?

SEMICÚPIO

Não sabe que sou o César dos alcoviteiros? Fui, vi e venci.

D. GILVAZ

Dá-me um abraço, meu Semicúpio.

SEMICÚPIO

Não quero abraços, venham as alvíssaras, senão, emudeci como Oráculo.

D. GILVAZ

Em casa tas darei. Conta-me primeiro: que fazia D. Clóris?

SEMICÚPIO

Isso são contos largos, estava toda rodeada de braseiros de alecrim, com um grande molho dele no peito, cheirando a Rainha de Hungria, mascarando alecrim como quem masca tabaco de fumo; e, como acabava de jantar, vinha palitando com um palito de alecrim; e finalmente, Senhor, com o alecrim anda toda tão verde, como se tivesse tirícia.

D. GILVAZ

E do mais que passaste?

SEMICÚPIO

Isso é para mais devagar, basta que saiba, por ora, que, apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de D. Clóris, picando logo na minhoca do engano, ficou engasalhada com o engodo de mil patranhas que lhe encaixei à mão tente.

D. GILVAZ

Incríveis são as tuas habilidades: e que capote é esse?

SEMICÚPIO

Este é o despojo do meu triunfo; joguei com o velho os centos e ganhei-lhe este capote; e, se vossa mercê soubera a virtude que ele tem, pasmaria.

D. GILVAZ

Que virtude tem?

SEMICÚPIO

É um grande remédio para sarar acidentes de gota coral.

D. GILVAZ

Conta-me isso.

(Entra D. Fuas embuçado.)

SEMICÚPIO

Falemos de manso, que aí vem um homem.

D. FUAS

Esta é a janela da cozinha de D. Nise, que apesar da escuridade da noite a conhece o meu instinto pelos eflúvios odoríferos que exala a Pancaia daquela Fénix.

D. GILVAZ

Semicúpio, um homem ao pé da janela de D. Clóris? Isto não me cheira bem.

SEMICÚPIO

Como lhe há-de cheirar bem, se isto aqui é um monturo?

(Aparece Fagundes à janela.)

FAGUNDES

Cé, é vossa mercê mesmo?

D. FUAS

Sou eu mesmo, e não outro, que impaciente espero novas de meu bem.

D. GILVAZ

Não ouviste aquilo, Semicúpio?

SEMICÚPIO

Aquilo é que não cheira bem, Senhor D. Gilvaz.

FAGUNDES

Não basta que vossa mercê diga que é mesmo, é necessário a senha e a contra-senha.

D. FUAS

Pois atenda.

(Canta D. Fuas o seguinte:)

MINUETE

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A Manjerona
Quero exaltar.

No seu triunfo
Que a fama entoa,
Palma e coroa
Há-de levar.

Há-de por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andará.

D. GILVAZ

Este é D. Fuas, pela senha da manjerona; que te parece, Semicúpio, o quanto tem adiantado o seu amor?

SEMICÚPIO

Quidquid sit, o primeiro milho é dos pássaros, o segundo é cá para os melros.

FAGUNDES

Suba por esta escada. (*Lança a escada.*)

D. FUAS

Segure bem. (*Sobe.*)

SEMICÚPIO

Senhor D. Gilvaz, agora é tempo de subir também, pois estamos em era de atrepar; não perca a ocasião.

D. GILVAZ

Vem tu também. (*Sobe.*)

SEMICÚPIO

Eu também vou a render, à escala vista, esse castelo de Cupido.

FAGUNDES

Tenha mão, Senhor, que é o que quer?

D. GILVAZ

Manjerona.

FAGUNDES

Vossa mercê, fidalgo, quem procura?

SEMICÚPIO

Também manjerona, em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

FAGUNDES

Isto cá está por estanque, não entra quem quer.

SEMICÚPIO

Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

FAGUNDES

Vá-se daí, que não conheço Framengos à meia-noite.

SEMICÚPIO

Tem mão, não me empurres.

FAGUNDES

Não há-de entrar.

SEMICÚPIO

Ó mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

FAGUNDES

Vá-se cos diabos, seja quem for.

(Empurra a escada, e esta cai com Semicúpio.)

SEMICÚPIO

Ai, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o semicúpio que me fizeste tomar. Estes são os ossos do ofício; mas, para que tudo não sejam ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma cousa; ao menos, se não morri da queda, vou para casa com uma escada.

(Vai-se Semicúpio e leva a escada.)

CENA IV

Gabinete. Entra Fagundes trazendo pela mão a D. Fuas e detrás virá D. Gilvaz embuçado.

FAGUNDES

Pise de mansinho; que, se acorda, será para nos enforcar.

D. FUAS

Recontou a D. Nise os extremos com que a idolatro?

FAGUNDES

Não me ficou nada no tinteiro; meu Senhor, nessa matéria tenho tanta elegância, que sou outra Marca Túlia Cicerona.

D. FUAS

Ai, Fagundes, se casará D. Nise com o primo! Mas quem está aqui atrás de nós?

D. GILVAZ

(Aparte)

Não quero dar-me a conhecer a D. Fuas, por ver se com os zelos desiste da empresa, para que só triunfe o alecrim.

D. FUAS

Cavalheiro, vós aqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizer-me primeiro o que buscais nesta casa?

D. GILVAZ

O mesmo que vós buscais.

D. FUAS

O que eu busco não vos pode pertencer.

D. GILVAZ

Nem o que me pertence podeis vós buscar.

FAGUNDES

Senhores meus, acomodem-se, que pode acordar o Senhor D. Lancerote e o dano será de todos.

D. FUAS

Queres que me cale à vista dos meus zelos?

(Entra D. Nise.)

D. NISE

Que ruído é este, Fagundes?

D. FUAS

Sinto, Senhora D. Nise, que a primeira vez que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

D. NISE

Não sei que motivo haja para os haver.

D. FUAS

Este senhor embuçado que aqui me vem seguindo e diz que procura o mesmo que eu busco.

D. NISE

Sabe ele porventura o que vós procurais?

D. FUAS

Ele diz que sim, certo é que o sabe.

D. NISE

(Para D. Gilvaz)

Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito?

D. GILVAZ

(Aparte)

Nada hei-de responder.

D. FUAS

Quem cala consente. Não averiguemos mais, Senhora D. Nise, só sinto que a sua manjerona admita enxertos de outras plantas.

D. NISE

Esse é o pago que me dais, de admitir a vossa correspondência, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expor a este perigo por vossa causa?

D. FUAS

Melhor fora enganar-me, que essa era a melhor fineza que vos podia merecer.

D. NISE

Pois eu digo-vos que estou inocente, que não conheço este homem; e me parece que basta dizê-lo para me acreditares.

D. FUAS

E bastava ver eu o contrário, para não acreditar essas desculpas.

D. NISE

Pois, visto isso, fiquemos como dantes.

D. FUAS

De que sorte?

D. NISE

Desta sorte.

(Canta D. Nise a seguinte:)

ÁRIA

Suponha, Senhor,
Que nunca me viu,
E que é o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceu,
E logo murchou.

Pois tanto me dá
De seu pretender,
Que firme suponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou. (*Vai-se.*)

D. FUAS

Nise cruel, isso ainda é maior tirania; escuta-me. (*Vai-se.*)

FAGUNDES

Vá lá dar-lhe satisfações, que ela é bonita para essas graças. E vossa mercê, Senhor reбуçado, a que fim quis profanar o sagrado desta casa?

D. GILVAZ

A ver o bem que adoro.

FAGUNDES

Vossa mercê está zombando? Aqui não há quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem vê o recato e honra desta casa.

D. GILVAZ

Eu bem vejo o recato e honra desta casa. Quê? Aquilo de subir um homem por uma janela e ir-se para dentro atrás de uma mulher não é nada?

FAGUNDES

Aquele homem é primo carnal da Senhora D. Nise.

D. GILVAZ

Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora D. Clóris. Ora faça-me o favor de a ir chamar.

FAGUNDES

Que diz? A Senhora D. Clóris? Olha tu lá, D. Clóris, não te enganes; sim, a outra, que anda coberta de cilícios, jejuando a pão e água; tire daí o sentido, meu Senhor.

D. GILVAZ

Se a não fores chamar, a irei eu buscar.

FAGUNDES

Ai, Senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remédio tenho senão chamá-la, antes que o homem faça alguma asneira, que ele tem cara de arremeter. *(Vai-se.)*

D. GILVAZ

Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretagem. Basta, que lha dê D. Fuas.

(Entra D. Clóris.)

D. CLÓRIS

Senhor, vossa mercê que pretende com tantos excessos? A quem procura?

D. GILVAZ

Eu, Senhora D. Clóris, sou D. Gilvaz, aquele impaciente amante que, atropelando impossíveis, vem, qual salamandra de amor, a abraçar-se nas chamas do seu alecrim, como vítima da mesma chama.

D. CLÓRIS

Senhor D. Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao lícito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente, que primeiro não haja de experimentar no crisol da constância os raios do seu amor.

D. GILVAZ

Mui pouco conceito fazeis da vossa beleza; pois, se antes de admirar essa formosura em ocultas simpatias, soubestes atrair todos os meus afectos, como, depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais que o de adorar-vos com tão imóvel constância, que primeiro se moverão as estrelas fixas, que sejam errantes as minhas adorações?

D. CLÓRIS

Isso é deveras, Senhor D. Gil?

D. GILVAZ

Se eu morro deveras, como hei-de falar zombando?

SONETO

Tanto te quero, ó Clóri, tanto, tanto;
E tenho neste tanto tanto tento,
Que em cuidar, que te perco, me espavento,
E em cuidar, que me deixas, me ataranto:
Se não sabes (ai Clóri!) o quanto, o quanto
Te idolatra rendido o pensamento,
Digam-to os meus suspiros cento a cento,
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.
Oh quem pudera agora encarecer-te
Os esquisitos modos de adorar-te
Que amor soube inventar para querer-te!
Ouve, Clóri; mas não, que hei-de assustar-te;
Porque é tal o meu incêndio, que ao dizer-te
Ficarás no perigo de abrasar-te.

D. CLÓRIS

Senhor D. Gil, as suas finezas, por encarecidas, perdem a estimação de verdadeiras; que quem tem a língua tão solta para os encarecimentos, terá presa a vontade para os extremos.

D. GILVAZ

Como há-de haver experiências na minha constância, serão os sucessos das minhas finezas os cronistas de meu amor.

(Canta D. Gilvaz a seguinte:)

ÁRIA

Viste, ó Clóri, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do Sol?
Dessa sorte, sem desmaios,
Sol, que gira, são teus raios,
E meu peito girassol.

Mas ai, Clóri, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no crisol.

D. CLÓRIS

Cessa, meu bem, de encarecer-me o teu amor; já sei que são verdadeiras
as tuas expressões. Oh, se eu tivera a fortuna que essas vozes as não levasse
o vento, para aumentar com elas a força da tua inconstância!

(Entra Sevadilha.)

SEVADILHA

É bem feito! É bem empregado!

D. CLÓRIS

O quê, Sevadilha?

SEVADILHA

O Senhor, que está acordado.

D. CLÓRIS

Não pode ser, a estas horas; não te creio, que és uma medrosa.

SEVADILHA

Falo verdade e não minto.

(Canta Sevadilha a seguinte:)

ÁRIA

Senhora , que o velho,
Se quer levantar!
Mofina de mim,
Que ouvi escarrar,
Falar, e tossir!
(para D. Gilvaz) Senhor, vá-se embora,
Vá já para fora,
Senão o papão
Nos há-de engolir.

FAGUNDES

Ui, Senhores, isto é cousa de brinco? O Senhor seu tio está com tamanho olho aberto, que parece um leão que está dormindo; deite fora esse homem e venha-se agasalhar, que já vem amanhecendo.

D. CLÓRIS

Pois deitem fora a D. Gil. Meu bem, estimarei que as suas obras correspondam às suas palavras. *(Vai-se.)*

(Entram D. Nise e D. Fuas.)

D. NISE

Fagundes, encaminha a D. Fuas, que meu tio está acordado.

D. FUAS

(Aparte)

Ainda o embuçado aqui está? É para ver! Ah, cruel!

D. NISE

Anda, Fagundes.

FAGUNDES

Senhora, que não há escada para descerem.

D. NISE

E aquela por donde subiu, aonde está?

FAGUNDES

Empurrei-a com um homem que também queria subir.

D. GILVAZ

(Aparte)

Devia ser Semicúpio.

D. FUAS

Pois como há-de ser?

SEVADILHA

Não há mais remédio que saltar pela janela.

FAGUNDES

Mas vejam não caiam no alfuje.

D. GILVAZ
(Aparte)

Em boa estou metido!

D. FUAS

Aonde está a chave da porta?

SEVADILHA

A chave tem guardas e está agasalhada no travesseiro do velho, por não dormir numa porta.

D. LANCEROTE
(Dentro)

Fagundes, venha abrir esta janela, que já vem amanhecendo.

FAGUNDES

Eis aqui vossas mercês o que quiseram!

D. LANCEROTE
(Dentro)

Fagundes, que faz, que não vem?

FAGUNDES

Estou enxotando o gato da vizinha. Sape gato! Senhores, escondam-se aonde for.

D. NISE

Ai, que desgraça!

D. LANCEROTE

(Dentro)

Sevadilha, que é isso lá?

SEVADILHA

(Dentro)

É o gato da vizinha. Sape gato!

SEMICÚPIO

(Dentro)

Abram a porta, que se queima a casa. Fogo, fogo!

FAGUNDES

Ai, que há fogo na casa! São Marçal.

D. NISE

Eu estou morta!

D. CLÓRIS

Ai, que se queima a casa, que desgraça! *(Sai.)*

D. FUAS

Pior é esta!

D. GILVAZ

Há horas minguardas!

SEMICÚPIO
(Dentro)

Abram a porta, que há fogo, fogo!

SEVADILHA

Mofina de mim, que lá vão os meus tarecos!

SEMICÚPIO
(Dentro)

Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fora.

(Entra Semicúpio com uma quarta às costas e ao mesmo tempo entra D. Lancerote em fralda de camisa e D. Tibúrcio embrulhado em um lençol, com uma candeia de garavato na mão.)

SEMICÚPIO

Fogo, fogo!

FAGUNDES

Adonde é, meu Senhor?

D. TIBÚRCIO

Que é isto cá?

D. LANCEROTE

Fogo aonde, se eu não vejo fumo?

SEMICÚPIO

Como há-de ver o fumo, se o fumo faz não ver?

D. TIBÚRCIO

Aqui me cheira a alecrim queimado.

D. LANCEROTE

Dizes bem. Clóris, acendeste algum alecrim?

D. CLÓRIS

Eu, Senhor, não... foi... porque sempre...

D. LANCEROTE

Cala-te, que eu porei o alecrim com dono; há mais mofino homem! Lá vai o suor de tantos anos.

SEMICÚPIO

Com ele podia vossa mercê apagar este fogo.

D. GILVAZ

(Aparte)

Estou admirado de ver a traça de Semicúpio!

D. TIBÚRCIO

Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.

D. LANCEROTE

Vede, sobrinho, ainda assim não se entorne o azeite.

D. NISE

Ai, os meus craveiros de manjerona!

D. CLÓRIS

Ai, os meus olhos de alecrim!

FAGUNDES

Ai, a minha canastra!

SEVADILHA

Ai, os meus tarequinhos!

D. LANCEROTE

Ai, a minha burra!

D. TIBÚRCIO

Ai, o meu alforge!

SEMICÚPIO

Ai, com tanto ai! Senhores, aonde é o fogo?

D. LANCEROTE

Vejam vossas mercês bem por essas casas aonde será.

SEMICÚPIO

Entremos, Senhores, antes que se ateie o incêndio.

D. GILVAZ e D. FUAS

Vamos.

(Saem Semicúpio, D. Fuas e D. Gilvaz, e logo tornam a entrar.)

D. LANCEROTE

Vereis vós, tramposinha, que fim leva o alecrim.

D. CLÓRIS

O alecrim não tem fim, que nunca murcha.

(Entram os três.)

D. GILVAZ

Não se assustem, que não é nada.

D. FUAS

Já se apagou, Deus louvado.

D. LANCEROTE

Aonde foi?

SEMICÚPIO

Foi no almofariz, que estava ao pé da isca.

SEVADILHA

Pois eu não fui a que petisquei.

FAGUNDES

Pois eu nem no ferrolho.

SEMICÚPIO

Pois eu ainda estou em jejum.

D. LANCEROTE

Ora, meus Senhores, vossas mercês me vivam muitos anos, pela honra que me fizeram.

D. GILVAZ

Sempre buscarei ocasiões de servir a esta casa. *(Vai-se.)*

D. FUAS

E eu não menos. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

Agradeça-nos a boa vontade, não mais.

FAGUNDES

Se não houvesse boas almas, já o mundo estava acabado.

D. CLÓRIS

(Aparte)

Eu estou pasmada do sucesso!

D. NISE

(Aparte)

E eu não estou em mim!

D. TIBÚRCIO

Ora com licença, meus Senhores, que me vou pôr em fresco. *(Vai-se.)*

D. LANCEROTE

Eu todavia ainda não estou sossegado. Viu vossa mercê bem na chaminé?

SEMICÚPIO

Para que vossa mercê descanse de todo, vazarei esta quarta nos narizes daquela velha, que são duas chaminés.

FAGUNDES

Ai, que me ensopou! Senhor, que mal lhe fiz?

SEMICÚPIO

É dar-lhe a molhadura de certa obra.

D. LANCEROTE

Que fez vossa mercê?

SEMICÚPIO

Deixe, Senhor; isto é para que se lembre, e tenha cuidado no fogo, que facilmente se pode atear por um acidente.

FAGUNDES

Vou mudar de camisa. *(Vai-se.)*

D. NISE

Tomara aproveitar os cacos para a minha manjerona.

D. LANCEROTE

Esta advertência merece esta moça, que é uma descuidada que por seus desmazelos me deixou furtar um capote.

(Cantam D. Lancerote, Sevadilha, Semicúpio, D. Clóris e D. Nise a seguinte:)

ÁRIA

D. LANCEROTE

Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senão tu verás.

SEVADILHA

Debalde é o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Não é bom sinal.

SEMICÚPIO

Que linda pilhage
Num fogo salvage,
Que lambe voraz!

D. CLÓRIS

Não sente, quem ama.

D. NISE

Não temo essa chama.

AMBAS

Que é fogo de amor.

D. LANCEROTE

Cuidado no fogo.

SEVADILHA

Debalde é o seu rogo.

D. LANCEROTE e SEVADILHA

Que fogo sem fumo
Não é bom sinal.

D. LANCEROTE

Sentido, cuidado,

SEMICÚPIO

Que fogo salvage

Todos excepto D. LANCEROTE

Que é fogo de amor

TODOS

Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

Fim da primeira parte.

PARTE II

CENA I

Praça. Entram D. Gil e Semicúpio.

D. GILVAZ

Ainda não sei cabalmente aplaudir a tua indústria, ó insigne Semicúpio.

SEMICÚPIO

Nem aplaudir, nem agradecer, Senhor D. Gilvaz.

D. GILVAZ

As tuas ideias são tão impossíveis de aplaudir, como de agradecer; pois todo o prémio é diminuto, e todo o louvor limitado.

SEMICÚPIO

Visto isso, eu mesmo tenho a culpa de não ser premiado; porque, se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrórios; mais obras e menos palavras; eu quero que me ajuste a minha conta.

D. GILVAZ

Para quê?

SEMICÚPIO

Para pôr-me no olho da rua, que serei mais bem visto.

D. GILVAZ

Semicúpio, nem sempre o Diabo há-de estar atrás da porta.

SEMICÚPIO

Sim, porque entrará para dentro de casa.

D. GILVAZ

Calte, que se consigo a D. Clóris com seu dote e arras, eu te prometo que andes numa boleia.

SEMICÚPIO

Senhor, não me ande com a cabeça à roda com essas promessas; era melhor que os prémios andassem a rodo.

(Entra Fagundes.)

FAGUNDES

Lá deixo a D. Fuas metido numa caixa, para o introduzir com D. Nise em casa sem sustos, como da outra vez; tomara achar um homem que ma carregasse.

D. GILVAZ

Lá vem a velha, criada de D. Clóris.

SEMICÚPIO

Retire-se vossa mercê e deixe-me com ela.

D. GILVAZ

Pois eu aqui te espero. (*Vai-se.*)

FAGUNDES

Ó filho, por vida vossa quereis levar-me uma caixa?

SEMICÚPIO

Com quê, achou-me vossa mercê com ombros de mariola?

FAGUNDES

Pois perdoe-me, que cuidei que era homem de ganhar.

SEMICÚPIO

Todos nesta vida somos homens de ganhar; porém o modo é que desautoriza.

FAGUNDES

Isto não era mais que levar uma caixa às costas.

SEMICÚPIO

Pois se não é mais do que isso, entendo que não estará mal à minha pessoa.

FAGUNDES

Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

SEMICÚPIO

Mas advirta que isto em mim não é ofício; é uma mera curiosidade.

FAGUNDES

Ora Deus lhe dê saúde; olhe, ela pesa pouco e vai aqui para casa de D. Lancerote.

SEMICÚPIO

E de quem é a caixa?

FAGUNDES

É minha, que a que eu tinha toda se desfaz em caruncho.

SEMICÚPIO

Pois esta não se livrará da traça, que intento usar com ela. *(Aparte.)*
Vamos, Senhora. *(Vai-se.)*

FAGUNDES

Ande, meu filho. *(Vai-se.)*

(Entra D. Gilvaz.)

D. GILVAZ

Aonde irá Semicúpio com a velha? O maldito não perde ocasião. Com semelhante jardineiro não murchará o alecrim de D. Clóris; porém ele lá vem com uma caixa às costas.

(Entra Semicúpio com uma caixa às costas e logo a põe no chão.)

SEMICÚPIO

Desencontrei-me da velha, que andará tonta por mim...

D. GILVAZ

Que é isto, Semicúpio?

SEMICÚPIO

Não lhe importe, vá-se enrolando, que se há-de meter aqui dentro e hei-de levar esse corpinho à casa de D. Clóris.

D. GILVAZ

Isso é quimera; como posso eu caber aí?

SEMICÚPIO

Isso não me importa a mim; abata as presunções, que logo caberá em toda a parte.

D. GILVAZ

E como havemos de abri-la, que está fechada?

SEMICÚPIO

Não sabe que a irmã gazua sempre me acompanha? Eu a abro. *(Abre.)*

D. GILVAZ

Esta tramóia é mui arriscada. Que tem dentro?

SEMICÚPIO

Eu vejo uns trapos estendidos. Ande, ande, que nos importa a nós.

D. GILVAZ

Ora vamos a isso. Ai Clóris, quanto me custas!

(Mete-se D. Gilvaz na caixa, e a fecha Semicúpio e logo a põe às costas e dentro também virá D. Fuas.)

SEMICÚPIO

Não há-de ser má esta encaixação. Arre, o que pesa a criança!

D. FUAS

Ai, que me esmagam os narizes!

D. GILVAZ

Quem está aqui? Espera, vejamos o que é.

SEMICÚPIO

O que for lá se achará.

D. GILVAZ

Espera, que isto é traição.

D. FUAS

Homem dos diabos, não me esborraches.

D. GILVAZ

Aque-d'el-rei, não há quem me acuda?

SEMICÚPIO

Cale-se, tamanhão, que para boa casa vai. (*Vão-se.*)

CENA II

Sala. Entram D. Tibúrcio e Sevadilha.

D. TIBÚRCIO

Sevadilha, agora que estamos sós, quero-te pedir um conselho.

SEVADILHA

Se vossa mercê acha que lhos posso dar, proponha, que eu resolverei.

D. TIBÚRCIO

Tu bem sabes que eu vim para casar com uma destas duas primas minhas. Ambas são belas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada uma, para que escolha do mal o menos.

SEVADILHA

Senhor, ambas são mui bastantes moças. A Senhora D. Clóris é mui perfeita, sabe fazer os ovos-moles muito bem; a Senhora D. Nise tem melhor juízo; muito assento, quando não está de levante; grande capacidade; e tanto, que, sendo tão rapariga, já lhe nasceu o dente do siso; porém na condição é uma víbora assanhada.

D. TIBÚRCIO

Não sei, Sevadilha, o que faça neste caso.

SEVADILHA

Não casar com nenhuma.

D. TIBÚRCIO

Pois eu vim cá por besta de pau?

SEVADILHA

Eu digo o que entendo em minha consciência.

D. TIBÚRCIO

Oh, se pudera eu casar contigo, Sevadilha, porque só tu me caíste em graça!

SEVADILHA

Ai, que graça! Diga-me isso outra vez.

D. TIBÚRCIO

Não zombo, que não estou fora de fazer eu mesmo uma parvoíce.

SEVADILHA

Não será a primeira.

D. TIBÚRCIO

Queres tu que fuçamos? Olha que estou com minhas tentações de te fazer dona da minha casa.

SEVADILHA

Diga-me dessas, que gosto disso.

D. TIBÚRCIO

Sevadiha, não percas esta fortuna.

SEVADILHA

Quem é a fortuna?

D. TIBÚRCIO

Sou eu, que te quero.

SEVADILHA

Se é fortuna, será inconstante.

D. TIBÚRCIO

Ai, que a moça me fala por equívocos! És discreta.

SEVADILHA

Ora, vá-se com a fortuna.

(Entra Semicúpio com a caixa às costas.)

SEMICÚPIO

Quem toma conta deste arcaz?

D. TIBÚRCIO

Quem a manda?

SEMICÚPIO

Uma mulher já de dias grandes, porque era bastante velha.

D. TIBÚRCIO

A mim me melem, se isto não é já alguma preparação para o casamento.

SEMICÚPIO

Vossa mercê parece que adivinha, pois para casamento é, segundo ouvi dizer a um terceiro.

D. TIBÚRCIO

Sabes o que virá aí dentro?

SEMICÚPIO

Cuido que é um vestido.

D. TIBÚRCIO

E que tal?

SEMICÚPIO

Belo na verdade, bordado com uns vivos brancos, e de cores tão vivas, que estão saltando.

D. TIBÚRCIO

É de mulher, ou de homem?

SEMICÚPIO

Tudo o que vem aqui é para mulher.

D. TIBÚRCIO

Cuidei que era para mim.

SEVADILHA

(Aparte)

Aquele é Semicúpio; ele, que carrega a caixa, não é sem causa.

SEMICÚPIO

(Aparte)

Sevadilha lá me está deitando uns olhos, que se vão os meus atrás deles.

D. TIBÚRCIO

Já te pagaram?

SEMICÚPIO

Não, Senhor; mas eu esperarei pela velha.

D. TIBÚRCIO

Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajustamos o negócio?

SEVADILHA

(Aparte)

É boa esta, ouvindo-me Semicúpio!

D. TIBÚRCIO

Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharei os olhos a tudo, só por casar contigo.

SEMICÚPIO

(Aparte)

Tome-se lá, o que estavam ajustando os dous! Eu lho estorvarei.

D. TIBÚRCIO

Que dizes, rapariga?

SEMICÚPIO

Ah, Senhor, pague-me o carroto da caixa.

D. TIBÚRCIO

Espera, que logo vem a velha.

SEMICÚPIO

(Aparte)

Sim, pois a moça logo vai.

D. TIBÚRCIO

Tu ainda és menina, não sabes o que te convém.

SEVADILHA

Eu não necessito de tutores.

D. TIBÚRCIO

Olha que eu sou morgado na minha terra, e terás tantos e quantos.

SEMICÚPIO

Senhor, pague-me o carroto da caixa, que não posso esperar.

D. TIBÚRCIO

Logo, espera! Ora, Sevadilha, isso há-de ser, dá-me um abraço.

SEMICÚPIO

Venha o carroto da caixa; é boa essa!

SEVADILHA

É boa teima!

D. TIBÚRCIO

Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.

SEMICÚPIO

Ora venha já esse carroto, senão tudo vai cos diabos.

D. TIBÚRCIO

Espera, homem; ouve, mulher.

SEVADILHA

Vá-se daí, malcriado, aleivoso, maligno; é o que me faltava!

(Canta Sevadilha a seguinte:)

ÁRIA

Que um tonto jarreta,
Que um néscio pateta,
Me fale em amor,
Ou é para rir,
Ou para chorar.
 Não cuide em amores,
Que nesses ardores,
Se pode frigir,
Se pode abrasar. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

Regalou-me esta ária. Vou dizer a Sevadilha: «Diga a D. Clóris que ali está meu amo»; e finjo que me vou. Senhor, adeus. Eu virei noutra ocasião. *(Vai-se.)*

(Entra D. Lancerote com um castiçal e vela acesa e a porá em cima da caixa, donde ao depois se assentarão.)

D. LANCEROTE

Sobrinho, vós bem sabeis que um hóspede, passados os três dias, logo fede como cavalo morto; isto não é dizer que fedeis, mas vos afirmo que não me cheira bem essa vossa irresolução, vendo que, indeciso, ainda não elegestes qual de vossas primas há-de ser vossa consorte.

D. TIBÚRCIO

Senhor, as perfeições de cada uma são tão peregrinas, que vacila a vontade na eleição dos sujeitos; pois quando me vejo entre Clóris e Nise, me parece que estou entre Cila e Caríbdis.

D. LANCEROTE

Pois, sobrinho, resolver, resolver logo, e já.

D. TIBÚRCIO

Pois, Senhor, se a um enforcado se dão três dias, eu, que no casar noto a mesma propriedade, pois bem se enforca quem mal se casa, peço três dias também para me resolver.

D. LANCEROTE

Três dias peremptórios concedo; e, para que não haja dúvidas no dote, assentai-vos, e sabereis o que haveis de levar. (*Assentam-se.*)

D. TIBÚRCIO

Isso é santo e bom, para que não seja a noiva de contado, e o dote de prometido.

D. LANCEROTE

Eu, meu sobrinho, suposto tenha corrido muito mundo, contudo me acho alcançado.

D. TIBÚRCIO

Isso é bonito!

D. LANCEROTE

Primeiramente, cada uma de minhas sobrinhas tem muito boa limpeza.

D. TIBÚRCIO

Sim, Senhor, são muito asseadas, nisso não há dúvida.

D. LANCEROTE

Além disso... Estai atento, meu sobrinho, não deis salabancos com a caixa, que isso é manha de bestas. (*Bole a caixa.*)

D. TIBÚRCIO

Eu estou com os cinco sentidos bem quietos.

D. LANCEROTE

Como digo, sabereis que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar. Não estareis quieto? (*Bole a caixa.*)

D. TIBÚRCIO

Não sou eu, por vida minha.

D. LANCEROTE

Não vedes a caixa a saltar?

D. TIBÚRCIO

É verdade; será de contente.

(Cai a caixa com os dous.)

D. LANCEROTE

Isto agora é mais comprido.

D. TIBÚRCIO

E isto é mais estirado.

D. LANCEROTE

Ai, quem me acode com uma luz?

(Entram D. Clóris, D. Nise, Fagundes e Sevadilha com luz.)

TODOS

Que sucedeu?

D. TIBÚRCIO

O maior caso que viram as idades.

D. LANCEROTE

Eu, que na maior idade vi o maior caso.

D. NISE

Pois que foi?

D. CLÓRIS

Que sucedeu, Senhores?

SEVADILHA

Que é isto?

FAGUNDES

Que foi? Que sucedeu? Que é isto?

D. TIBÚRCIO

Esta caixa...

D. LANCEROTE

Esta arca...

D. TIBÚRCIO

Que em torcicolos...

D. LANCEROTE

Que em bamboleios...

D. TIBÚRCIO

Com pulos...

D. LANCEROTE

Com saltos...

D. TIBÚRCIO

Deitou-me no chão.

D. LANCEROTE

No chão me estendeu.

D. NISE

É raro caso!

D. CLÓRIS

É caso raro!

SEVADILHA

É, não há dúvida! Ai, que ela torna a bulir! Fugamos, Senhores.

FAGUNDES

(Aparte)

Valha-te o Diabo, D. Fuas, que tão inquieto és!

D. LANCEROTE

Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.

D. TIBÚRCIO

Diz bem; abra-se a caixa.

D. NISE
(Aparte)

Ai de mim, que será de D. Fuas!

D. CLÓRIS
(Aparte)

Que será de D. Gil!

D. TIBÚRCIO

Vá o tampo dentro.

SEVADILHA

Tenham mão, que pode vir dentro algum diamante que nos mate aqui a todos.

FAGUNDES

Ai, santo breve da marca!

D. NISE

Senhor, se se abre a caixa, desmaiamos todos aqui.

D. LANCEROTE

Vamo-nos, que a prudência é melhor que o valor. *(Vai-se.)*

D. TIBÚRCIO

Pois, só, não quero ser valente. *(Vai-se e leva a luz.)*

SEVADILHA

Ai! Não sei que pés me hão-de levar! Ande, Senhora.

D. CLÓRIS

Fazes bem em disfarçar até ao depois. *(Vai-se.)*

FAGUNDES

A caixa parece que tocou a recolher.

D. NISE

E não foi o pior o ficarmos às escuras, que assim terão todos medo de vir aqui. Ora abre a caixa e dize a D. Fuas que saia.

FAGUNDES

Ai, a caixa está aberta! Seria com os solavancos. Saia, meu Senhor, e perdoe o descómodo.

(Abre a caixa e sai D. Gilvaz.)

D. GILVAZ

Ó tu, nocturna deidade, que no caliginoso bosque destas sombras brilhas, carbúnculo da formosura, aqui tens segunda vez no teatro de tua beleza representante a minha constância na tragicomédia de meu amor.

FAGUNDES

Senhora, quem às escuras é tão discreto, que fará às claras?

D. NISE

Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas, porém...

(Sai D. Fuas da caixa.)

D. FUAS

Porém o teu engano, falsa, inimiga, segunda vez se repete para meu desengano e tua afronta.

D. NISE

Que é isto, Fagundes? Que tramóias são estas?

FAGUNDES

Eu estou besta, pois só a D. Fuas meti na caixa!

D. NISE

Pois como aqui há outro, fora D. Fuas?

FAGUNDES

Eu não sei, em minha consciência, que não é má.

D. FUAS

Senhora D. Nise, para que são esses fingimentos? Peleje agora com Fagundes, para se mostrar inocente.

D. GILVAZ

Esta é D. Nise; eu me recolho ao vestuário, até que venha D. Clóris.

(Mete-se D. Gilvaz na caixa.)

D. NISE

Já disse, Senhor D. Fuas, que a minha constância vive isenta dessas calúnias.

D. FUAS

Aque-d'el-rei, Senhora, quereis que dê com a cabeça por essas paredes? É possível que ainda intentais negar o que tão repetidas vezes tenho experimentado?

D. NISE

Senhor, é pouca fortuna de minha firmeza encontrar sempre com acidentes de falsidade.

FAGUNDES

Senhor D. Fuas, não cuide vossa mercê que somos cá nenhuma mulheres de cacaracá. Mas ali vem gente.

D. NISE

Recolha-se outra vez, que eu entanto aqui me retiro; anda, Fagundes.
(Vai-se.)

FAGUNDES

Senhor, nós já tornamos. *(Vai-se.)*

D. FUAS

Mais à minha conservação, que ao teu respeito, obedeço.

(Esconde-se D. Fuas na caixa e entra D. Clóris.)

D. CLÓRIS

Que se expusesse D. Gil ao perigo de vir em uma caixa a meu respeito! Ora o certo é que não há mais extremoso amante; porém, os fumos de alecrim têm a mesma virtude que o incenso nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde estará aqui a caixa? Esta suponho que é; já, meu bem, podes sair sem susto.

(Sai D. Fuas da caixa.)

D. FUAS

Sim, tirana, pois já me não assustam as tuas falsidades.

D. CLÓRIS

Que falsidades? Que dizes? Enlouqueceste, ou ignoras com quem falas?

D. FUAS

Contigo falo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha felicidade.

D. CLÓRIS

Cuido que não são tantos os encontros que temos tido.

D. GILVAZ

(Aparte)

Aquela é a voz de D. Clóris: estou ardendo com zelos!

D. FUAS

Já estou desenganado da tua falsidade; já sei que estoutro amante, que vive encerrado nessa caixa, é o que só merece os teus agrados.

D. GILVAZ

E como que o merece, pois só ele é digno desse favor; e a quem o impedir lhe meterei esta espada até às guarnições. *(Vai-se.)*

D. FUAS

Vês, ingrata, se é certa a minha suspeita?

D. CLÓRIS

Eu estou confusa e não sei a quem satisfaça!

D. GILVAZ

Ainda continua, insolente? Não sabe que esta dama é cousa minha?

D. FUAS

Já agora, por capricho, apesar das suas aleivosias, hei-de dar a vida por mi dama.

D. CLÓRIS

Senhores, que desgraça!

D. GILVAZ

Se não estivera às escuras, tu serias o alvo de minhas iras.

D. FUAS

Pois, se não fora a escuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas ainda assim, eu vou dando, dê donde der.

D. CLÓRIS

Senhores, dêem de manso, não os ouça meu tio.

(Cantam D. Fuas, D. Gilvaz e D. Clóris a seguinte:)

ÁRIA

D. GILVAZ

Se não fora por não sei quê,
Te matara mesmo aqui.

D. FUAS

Se não fora o velho ali,
Te fizera um não sei quê.

D. CLÓRIS

De mansinho, pouca bulha,
Calte gralha, calte grulha,
Porque o velho há-de acordar.

D. GILVAZ

Pois aqui mui mansamente
Matarei este insolente.

D. FUAS

Também eu pela calada
Meterei a minha espada.

D. CLÓRIS

Devagar, não dêem de rijo,
Porque o velho há-de acordar.

TODOS

Quem pudera em tanta luta
Sua dor desabafar!

D. FUAS e D. GILVAZ

Se não grito neste caso,
Sou capaz de rebentar.

D. CLÓRIS

Mais que estalem, e arrebentem,
Não se há-de aqui falar.

TODOS

Não se pode isto aturar! (*Vão-se.*)

(Entra Semicúpio pela mão de Sevadilha.)

SEMICÚPIO

Donde me levas, Sevadilha?

SEVADILHA

Ande, não me faça perguntas.

SEMICÚPIO

Não há uma candeia nesta casa, que se me meta na mão, que estou morrendo por te ver?

SEVADILHA

Melhor fineza é amar por fé.

SEMICÚPIO

Como, se eu não dou fé de ti?

SEVADILHA

Ande, que o amor se pinta cego.

SEMICÚPIO

Muito vai do vivo ao pintado.

SEVADILHA

Assim estamos mais à nossa vontade.

SEMICÚPIO

Andar, suponho que tenho o meu amor na Noruega. Mas, ainda assim, isto de estar às escuras não é grande cousa para um homem dizer à sua dama quatro hipérboles, pois se não vejo, como poderei dizer-te que és estátua de alabastro sobre plintos de jaspe, neve vivente e racional sorvete, mas só carapinhada, pois negra te considero nesta Etiópia? Oh, negregada ocasião, em que por falta de uma candeia não sai à luz a tua formosura!

SEVADILHA

Pois o fogo de teu amor não basta para alumiar esta casa?

SEMICÚPIO

Se a luz excessiva faz cegar, também a minha chama, por excessiva, não alumia; mas com tudo isto, não nos metamos no escuro; falemos claro: como estamos nós daquilo que chamamos amor?

SEVADILHA

E como estamos nós do malmequer, que esse é o ponto?

SEMICÚPIO

Cada vez está mais viçoso com a copiosa inundação de meu pranto.

SEVADILHA

E teu amo com o alecrim?

SEMICÚPIO

Isso são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê lhe parece que é alecrim; estoutro dia, estava teimoso em que havia de cear salada de alecrim, mais que o levasse o Diabo. Olha, para contar-te as loucuras que faz, assentemo-nos, que isto se não pode levar de pé.

(Assenta-se Semicúpio na caixa, que estará com o tampo levantado, e cai dentro da caixa, que se fechará com a dita queda.)

SEMICÚPIO

Mas aí, Sevadilha, que caí num poço sem fundo!

SEVADILHA

Aonde estás, Semicúpio?

SEMICÚPIO

Não sei aonde estou; só sei que estou aqui.

SEVADILHA

Aonde é aqui?

SEMICÚPIO

É aqui.

SEVADILHA

Aqui aonde?

SEMICÚPIO

É boa pergunta! Eu sei cá donde são os aquis na casa alheia? Sei que estou aqui num fole, como criança que nasce implicada, mas sem ventura.

SEVADILHA

Pois sai daí e anda para aqui.

SEMICÚPIO

Isso é se eu soubera ir daqui para aí.

SEVADILHA

Quem te impede?

SEMICÚPIO

Estou entupido.

SEVADILHA

Dá dous espirros.

SEMICÚPIO

Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro dela. Ora, filha, tira-me daqui, tu não ouves?

SEVADILHA

Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.

SEMICÚPIO

Busca-me fora de mim, porque não estou dentro em mim metido nesta sepultura, donde só campá por infeliz a minha desventura.

SEVADILHA

Calte, Semicúpio, que aí vem gente com luzes; adeus, até logo. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

Estou no mais apertado lance que ninguém se viu!

(Entram D. Lancerote, com uma luz, e D. Tibúrcio.)

D. LANCEROTE

Apuremos este encanto. Sobrinho, nós havemos ver o que se encerra nesta caixa, ainda que o cabelo se arrepie.

D. TIBÚRCIO

Se for cousa desta vida, ficará sem ela, e se for da outra, a mandarei para o outro mundo.

D. LANCEROTE

Pois, sobrinho, abri esta caixa com intrépido valor.

D. TIBÚRCIO

Abra vossa mercê, que é mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

D. LANCEROTE

Deixai cumprimentos, que a ocasião não é para cerimónias.

D. TIBÚRCIO

Por nenhum modo; não tem que se cansar, que lhe não quero tirar a glória desta empresa.

D. LANCEROTE

(Aparte)

O magano contralogrou-me; pois eu confesso que estou tremendo de medo.

D. TIBÚRCIO

(Aparte)

Queria arrumar-me o gigante? É bem esperto.

D. LANCEROTE

Ora pois, hei-de ir eu, ou haveis de ir vós?

D. TIBÚRCIO

Vá, não haja cumprimentos, que eu sou de casa.

D. LANCEROTE

Não há mais remédio que ir eu em corpo e alma, a ver esta alma sem corpo, ou este corpo sem alma. Deus vá comigo, anjo da minha guarda, e todo o *Flos Sanctorum* me defenda.

D. TIBÚRCIO

Ande, tio, não tenha medo, que eu estou aqui.

D. LANCEROTE

(Aparte)

Pois, se não fora isso, já eu deitava a correr.

SEMICÚPIO

Ai! Que sem dúvida estou na caixa em que trouxe a D. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentam reconhecer. Eu lhes tocarei a caixa.

(Chega-se D. Lancerote à caixa e, tanto que a abre, deita Semicúpio a cabeça de fora e dá um assopro na vela.)

D. LANCEROTE

Ó tu, quem quer que és, que estás nesta caixa... Mas ai, que me apagaram a vela com um assopro!

D. TIBÚRCIO

Assopra!

SEMICÚPIO

Mui fraca era aquela luz, pois de um assopro a derribei.

D. LANCEROTE

Sobrinho, vós estais aí?

D. TIBÚRCIO

Como se não estivera.

D. LANCEROTE

Quem seria o cruel, que tão aleivosamente matou uma inocente luz, a assopros frios?

SEMICÚPIO

Deus lhe perdoe, que era uma luz a todas as luzes boa, mas eu quero safar-me daqui, e temo marrar de narizes com alguém; mas que remédio?

D. LANCEROTE

Agora vos chegais para mim, cobarde sobrinho? Ide, que por vossa culpa não acabei de desencantar este encanto.

D. TIBÚRCIO

Veja vossa mercê como chama cobarde?

D. LANCEROTE

Calai-vos, abóbora, que degenerais de quem sois.

D. TIBÚRCIO

A mim, abóbora?

SEMICÚPIO

Agora é boa ocasião de ir-me; porque, ainda que encontre com algum, cuidarão que são murros. Lá vai o primeiro! (*Dá.*)

D. LANCEROTE

Ó mal ensinado, pondez mãos violentas em vosso tio?

SEMICÚPIO

Eu abrirei caminho desta sorte, dando a trouxe-mouxe. (*Dá.*)

D. TIBÚRCIO

É boa essa, Senhor tio, assim se dá num barbado?

D. LANCEROTE

Calai-vos, maganão, que não haveis de casar; mas aí, que me destes uma bofetada com a mão aberta! Aque-d'el-rei sobre este magano de meu sobrinho! (*Vai-se.*)

D. TIBÚRCIO

Aque-d'el-rei sobre este caduco de meu tio! (*Vai-se.*)

SEMICÚPIO

Aque-d'el-rei, que já me deixaram! (*Vai-se.*)

CENA III

Câmara. Entram D. Gilvaz e D. Nise.

D. GILVAZ

Senhora D. Nise, se acaso em vossa piedade pode achar amparo um desgraçado, peço-vos que me oculteis; pois já a rubicunda Aurora em rissonhas vozes nos avisa da chegada do Sol, assim a vossa manjerona se veja coroada de louro no capitólio do amor.

D. NISE

Já o alecrim pede favores à manjerona?

D. GILVAZ

Se D. Clóris não aparece, que quereis que faça?

D. NISE

Pois escondi-vos nessa alcova, enquanto a vou chamar.

(Esconde-se D. Gil e entra D. Fuas.)

D. FUAS

Aonde vás, tirana? Procuras acaso o teu amante? Oh, murcha seja a tua manjerona, que como planta venenosa me tem morto.

D. NISE

Homem do demónio ou quem quer que és, que em negra hora te vi e amei, que desconfianças são essas? Que amante é esse, com quem me andas aqui apurando a paciência, e sem quê, nem para quê, descompondo a minha manjerona?

D. FUAS

Pois quem era aquele que saiu da caixa a dizer-te mil colóquios?

D. NISE

Que sei eu quem era? Salvo fosse... Mas retira-te, que aí vem gente.

D. FUAS

Esconder-me-ei aonde for.

(Quer esconder-se onde está D. Gilvaz.)

D. NISE

(Aparte)

Não te escondas aí. Ai de mim, que, se D. Fuas vê a D. Gil, fará o seu ciúme verdadeiro!

D. FUAS

Não queres que me esconda aí? Agora, por isso mesmo.

D. NISE

Tem mão, adverte...

D. FUAS

Qual adverte? Tens aí acaso escondido o teu amante?

D. NISE

Não, D. Fuas, porque só tu...

D. FUAS

Que é isso? Mudas de cor?

D. NISE

Se a cor é acidente, estou para desmaiar, vendo a sem-razão com que me criminas.

(Entra D. Clóris.)

D. CLÓRIS

Nise, que alarido é esse? Queres que venha o tio e ache aqui este estafermo?

D. NISE

São loucuras de um zeloso, sem causa.

D. FUAS

São zelos de uma causa sem loucura. E, senão, diga-me, Senhora D. Clóris, por vida do senhor seu alecrim: não é para ter zelos ver repetidas vezes a um sujeito procurar a D. Nise com tão repetidos extremos, que uma cousa é vê-lo, e outra dizê-lo; e suponho o tem agora escondido naquela alcova de donde me desvia para esconder-me?

D. CLÓRIS

Isso verei eu, que também me importa essa averiguação.

D. NISE

(Aparte)

Clóris, não te canses, que não hás-de ver quem aí está. Estou perdida!

D. FUAS

É para que veja, Senhora, a razão que tenho. Ah, tirana!

D. CLÓRIS

Já agora, por capricho, hei-de ver quem aí está. Vossa mercê é, Senhor D. Gilvaz? Que é isso? Quer enxertar o meu alecrim com a manjerona de D. Nise?

D. GILVAZ

Há caso semelhante!

D. FUAS

Falso, traidor amigo, como, sabendo que eu pretendo a D. Nise, te expões a embaraçar o meu emprego?

D. GILVAZ

D. Clóris, D. Fuas, para que são esses extremos, quando a Senhora D. Nise nem a vós ofende, nem a mim me corresponde?

D. FUAS

Ninguém se esconde sem delito.

D. CLÓRIS

Ninguém se oculta sem motivo.

D. NISE

Ora agora não quero dar satisfações, nem a uma louca, nem a um temerário. É muita verdade: escondi a D. Gil, porque lhe quero bem; pois que temos?

D. FUAS

Que isto sofra a minha paciência! Ah, ingrata!

D. CLÓRIS

Que isto tolerem os meus zelos! Ah, falso amante!

D. GILVAZ

A Senhora D. Nise está zombando e aquilo nela é galantaria.

D. NISE

Não é senão realidade, e tenho dito. (*Vai-se.*)

D. FUAS

Não se viu mais descarado rigor! Espera, cruel, e verás com os teus olhos os ultrajes que faço à tua manjerona. *(Vai-se.)*

D. CLÓRIS

Senhor D. Gil, venha depressa o meu alecrim.

D. GILVAZ

O teu alecrim é inseparável de meu peito.

D. CLÓRIS

Deixemos graças, que eu não zombo.

D. GILVAZ

Pois entendes que D. Nise fala deveras?

D. CLÓRIS

Quer falasse deveras, quer não, venha, venha o meu alecrim.

D. GILVAZ

De que sorte queres que te satisfaça? Ignoras acaso as firmezas de meu amor?

(Canta D. Gil a seguinte:)

ÁRIA

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrasada,
Quando expira nos incêndios
Solicita o mesmo ardor.

Tal, ó Clóri, me imagino,
Pois parece, que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que apeteça o teu rigor.

(Entram Semicúpio e Sevadilha.)

SEMICÚPIO

Senhor D. Gilvaz, nunca Semicúpio se viu em calças mais pardas.

D. GILVAZ

Porquê?

SEVADILHA

Porque o velho já aí vem caminhando como uma centopeia.

D. CLÓRIS

Anda, D. Gil, para dentro, até que haja ocasião para saírem.

D. GILVAZ

Vás ainda com escrúpulos na minha constância?

D. CLÓRIS

Cá dentro apuraremos essas finezas. *(Vai-se.)*

D. GILVAZ

Ó Semicúpio, vê como havemos sair daqui, que bem sabes que tenho de escrever hoje para o correio. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

Tomara que o fizessem em postas e o levasse Barzabu às vinte.

SEVADILHA

E, se lhes não dizemos que vinha o velho, ainda se não iam.

SEMICÚPIO

E ia-se a história sem nós fazermos nosso papel de alfazema por causa do alecrim.

SEVADILHA

Não me dirás, Semicúpio, em que há-de parar toda esta barafunda?

SEMICÚPIO

Em algum casamento, isso já se sabe; tomara eu também que me dissesse em que havemos nós parar.

SEVADILHA

Em correr, que, se paramos aqui, talvez que nos envidem o resto.

SEMICÚPIO

Não embaralhes o sentido em que te falo. Ai, Sevadilha, que não só me chegaste ao coração, mas também aos narizes! E assim, não ponhas por estaque os teus favores: antes afável, dá-me alguma amostrinha de tua inclinação.

SEVADILHA

Quem te meteu esses fumos na cabeça?

SEMICÚPIO

O dó que tenho de te ver tão matadora.

SEVADILHA

Vai-te daí, que tenho nojo de chegar-me a ti.

SEMICÚPIO

Eu não te mereço que me descomponhas o carinho com que te trato. Ai, Sevadilha, que sinto assar-me nos espetos quentes de teus olhos, aonde os repetidos espirros de meu incêndio...

SEVADILHA

Se me disseras isso em dous dedos de papel, ainda te crera.

SEMICÚPIO

Não só em dous dedos, mas em toda a mão da solfa, donde verás de teu Semicúpio as finas cláusulas de suas semicopadas.

(Canta Semicúpio, espirrando no fim de cada verso a seguinte:)

ÁRIA

Não posso, ó Sevadi...
Dizer-te, o que pade...
Que o meu amor trave...
Chegando-me aos nari...
Num moto contínuo me faz espirrar.
Mas se é tafularia
Este vício de querer-te,
Toda inteira hei-de sorver-te,
Por mais que me veja morrer, e estalar. (*Vai-se.*)

SEVADILHA

Ora Deus o ajude com tanto espirrar.

(Entram D. Lancerote e D. Tibúrcio.)

D. LANCEROTE

Basta, sobrinho, que não fostes vós o que me derreastes?

D. TIBÚRCIO

Pois acha vossa mercê que havia pôr as mãos violentas nas reverendas barbas de vossa mercê? Igual eu me podia com mais razão queixar de vossa mercê, que me fez em estilhas.

D. LANCEROTE

Eu, sobrinho? Isso é engano; eu havia erguer a mão para vós, quando só as devo levantar ao Céu para dar-lhe graças, por dar-me para uma de minhas sobrinhas um noivo tão gentil-homem?

D. TIBÚRCIO

Não vai a dar quebranto.

SEVADILHA
(Aparte)

E ele, que é mui belo.

D. TIBÚRCIO

Pois, se nenhum de nós reciprocamente deu um no outro, quem seria?

D. LANCEROTE

Eu também não posso atinar; o que sei é que a caixa para nós foi de guerra.

SEVADILHA
(Aparte)

E para o noivo, de tartaruga do Alentejo.

D. LANCEROTE

Sevadilha, anda cá, não o negues. Quem andarà nesta casa, há um par de noites, que sinto grande rebuliço?

SEVADILHA

Senhor, eu tenho para mim que esta casa às escuras é assombrada.

D. LANCEROTE

Tens visto alguma cousa?

SEVADILHA

Ai, Senhor, tenho visto tantas coisas, que não me atrevo a dizê-las.

D. LANCEROTE

Dize, rapariga.

SEVADILHA

Só em cuidar no que vi, estou para me desmaiar.

D. LANCEROTE

Era cousa do outro mundo?

SEVADILHA

Qual do outro mundo, se eu a vi neste?

D. LANCEROTE

Era fantasma?

SEVADILHA

O que é fantasma?

D. LANCEROTE

É uma cousa branca, que põe os olhos em alvo.

SEVADILHA

Senhor, eu não sei o que é; sei somente que vi sair de uma caixa uma cousa como furacão de vento, que me deu muita pancada.

D. LANCEROTE

Vedes, sobrinho? É o mesmo que nos sucede em carne.

D. TIBÚRCIO

Na carne aliás.

D. LANCEROTE

Aqui não há outro remédio mais que safares logo, e já, e lewares vossa mulher convosco, que eu ponho escritos nas casas e mudo-me às carreiras.

D. TIBÚRCIO

Isso é o verdadeiro.

D. LANCEROTE

Sevadilha, vai chamar as raparigas, que venham cá depressa.

SEVADILHA

(Aparte)

Genro e sogro não os vi mais bestas! *(Vai-se.)*

D. TIBÚRCIO

Para que manda vossa mercê chamar as minhas primas tão depressa?

D. LANCEROTE

Logo vereis.

(Entram D. Clóris e D. Nise.)

AMBAS

Que nos ordenas, Senhor?

D. LANCEROTE

Sobrinho, elas aí estão, escolhei uma das duas para vossa esposa.

D. CLÓRIS

Eu fiz voto de ser freira e, assim, não posso casar.

D. LANCEROTE

Pois case D. Nise.

D. NISE

Eu menos, que quero ser donzela.

D. LANCEROTE

Isso já não pode ser, que dei a minha palavra, que vale mais que tudo.

D. TIBÚRCIO

Eu já me resolvera a aturar a ríspida condição de D. Nise, mas, sem receber o dote, não me recebo.

D. LANCEROTE

Andai, que sois um impolítico. Algum homem que tem brio fala em dote?

D. TIBÚRCIO

E algum homem que quer dote atenta em brio?

(Entram D. Fuas, D. Gilvaz e Semicúpio, vestidos de mulher, com mantos.)

SEMICÚPIO

Senhor, esta indústria nos valha, que para sair sempre foi boa uma saia.

D. GILVAZ

(Aparte)

Quem serve a Cupido, não é muito que se afemine.

D. FUAS

(Aparte)

Até nisto mostra o amor que é cobarde.

D. LANCEROTE

Que mulheres são essas, que saem da nossa alcova?

D. CLÓRIS

(Aparte)

Estou tremendo não se descubra a tramóia.

SEMICÚPIO

Senhor D. Tibúrcio, as mulheres honradas, como eu, se não tratam desta sorte.

D. TIBÚRCIO

Senhora, vossa mercê vem enganada.

D. LANCEROTE

Que é isto, sobrinho?

D. TIBÚRCIO

Eu o não sei, em minha consciência.

D. LANCEROTE

Senhoras, como entrastes nesta casa?

SEMICÚPIO

Este Senhor, sobrinho de vossa mercê, merecia que lhe dessem duas facadas, pois sem alma nem consciência, depois de o introduzir na minha casa, para casar com uma de minhas filhas, que vossa mercê aqui vê, teve tais ardis, que enganou a ambas e de ambas triunfou; e, para mais penas sentir, esta madrugada nos mandou viéssemos a esta casa, que disse era sua, e no cabo sei que não é, e está para casar com uma sobrinha de vossa mercê. Ah, traidor, ladrão, não sei como te não esgadanho e te arranco essas goelas.

D. LANCEROTE

É notável caso! Sobrinho desalmado, que é o que fizestes?

D. TIBÚRCIO

Senhor, eu estou tolo de ver mentir esta mulher!

D. GILVAZ

Ah, falso D. Tibúrcio, o Céu me vingue de tuas falsidades.

D. FUAS

Ainda nega, o magano? Tal estou, que lhe arrancara essas barbas.

SEMICÚPIO

Deixai, filhas, deixai, que ainda no Céu há raios, e no Inferno a caldeira de Pêro Botelho para castigo de velhacos. Vamos, meninas. (*Vão-se.*)

D. CLÓRIS

(*Aparte*)

Já estamos livres deste susto.

D. NISE

(*Aparte*)

O criado vale um milhão.

D. LANCEROTE

Senhor sobrinho, vossa mercê a tem feito como os seus narizes; basta, que vossa mercê é useiro e vezeiro a enganar moças?

D. TIBÚRCIO

Senhor, eu não conheço tais mulheres.

D. LANCEROTE

Se não tendes outra desculpa, essa não me satisfaz, e agora vejo que por isso dilatáveis o casar com vossas primas, fingindo irresoluções e regateando o dote.

D. TIBÚRCIO

Senhor, permita Deus, que se eu...

D. LANCEROTE

Não jureis falso. Dizei-me: e tivestes atrevimento de meteres mulheres em casa, sem atenção ao decoro de vossas primas?

D. TIBÚRCIO

Primas do meu coração, eu estou para enlouquecer, pois estou tão inocente...

D. CLÓRIS

Cale-se, tenha juízo; basta que com esse feitio nos queria lograr?

D. NISE

É o Senhor sisudo, que não aprovava os ranchos de alecrim e manjerona!

D. TIBÚRCIO

Ora basta que diga eu que não conheço tais mulheres.

D. CLÓRIS

Cale-se, tonto!

D. NISE

Cale-se, simples!

D. CLÓRIS

Basbaque!

D. NISE

Insolente!

AMBAS

Quê? Agora casar? Aqui para trás. (*Vão-se.*)

D. TIBÚRCIO

Senhor tio, dê-me atenção, senão desesperarei.

(Canta D. Lancerote a seguinte:)

ÁRIA

Eis aqui: eu estou perdido,
Gasto feito, noiva pronta,
Porta aberta, e casa tonta;
Ah sobrinho! Mas que digo?
Emprestai-me a vossa espada,
Que me quero degolar.

Oh prudência desgraçada,
Pois não faço uma salada
Por ninguém me ouvir gritar.

D. TIBÚRCIO

Que isto a mim me suceda? Não há homem mais infeliz!

CENA IV

Praça. Entram D. Gilvaz e Semicúpio.

D. GILVAZ

Uma e muitas vezes te considero, Semicúpio, prodigioso artífice de meu amor, pois com as tuas máquinas vás erigindo o retorcido tálamo, que há-de ser trono do mais ditoso himeneu.

SEMICÚPIO

Já disse a vossa mercê que mais obras e menos palavras: Semicúpio, Senhor, já se acha mui cansado. Tomara que me aposentasse com meio soldo, que este ofício de alcofa é mui perigoso; que, suposto tenha asas para fugir, também as asas têm penas para sentir.

D. GILVAZ

Semicúpio, já o pior é passado. Acabemos de deitar esta nau ao mar, que então teremos enchentes.

SEMICÚPIO

E no cabo de tantas enchentes, tudo-nada.

D. GILVAZ

Anda, não desmaies, que hoje havemos de mostrar ao mundo os triunfos do alecrim.

SEMICÚPIO

E a manjerona todavia não menos viçosa com os borrifos de Fagundes.

D. GILVAZ

Mas a galantaria é que todas as suas ideias redundam em nosso proveito.

SEMICÚPIO

Aí é que está a filigrana do jogo: Fagundes a semear, e nós a colher.

(Entra Sevadilha com a mantilha.)

D. GILVAZ

Aquela que lá vem não é Sevadilha?

SEMICÚPIO

Pelo cheiro, assim me parece.

D. GILVAZ

Que novidade é essa, Sevadilha? Tu só, por aqui?

SEVADILHA

Que há-de ser? A maior desgraça do mundo.

D. GILVAZ

Quê? Morreu o velho!

SEVADILHA

Isso então seria fortuna.

D. GILVAZ

Pois que foi?

SEVADILHA

Foi que D. Tibúrcio, com a pena de se ver acometido de três mulheres, como vossa mercê sabe, à vista das noivas e do sogro, tomou tal paixão, que lhe deu esta noite uma cólica, e está quase indo-se por um fio; e assim eu, por uma parte, Fagundes e o galego por ambas, vamos a chamar o médico. Adeus, que me não posso deter.

D. GILVAZ

Espera.

SEVADILHA

Não posso, que D. Tibúrcio está morrendo por instantes.

SEMICÚPIO

Não te canses, que já o achas morto. Ande cá, tenha feição e faça palestra com os amigos.

D. GILVAZ

Que faz D. Clóris?

SEVADILHA

Não me detenhas, adeus.

SEMICÚPIO

Dize-me primeiro que tal te pareci em trajes de mulher?

SEVADILHA

Não estou para isso, deixe-me ir, que estou de pressa.

SEMICÚPIO

Há tal pressa! Como se estivera alguém para morrer?

SEVADILHA

Não vê que vou acudir a esta grande necessidade?

SEMICÚPIO

Vai-te, filha; vai-te, não te sofras.

SEVADILHA

Bem puderas tu poupar-me dessas passadas, e ir chamar um médico às carreiras.

SEMICÚPIO

Vai descansada, que eu chamarei o médico.

D. GILVAZ

Sim, com muito gosto.

SEVADILHA

Ora faça-me esse favor, e adeus. (*Vai-se.*)

D. GILVAZ

Anda depressa, vai chamar o médico.

SEMICÚPIO

Que médico? Cuide noutra coisa.

D. GILVAZ

Isso é zombaria? Não permita Deus que o homem morra por nossa omissão.

SEMICÚPIO

Vamos, que eu e vossa mercê havemos de ser os médicos na enfermidade de D. Tibúrcio.

D. GILVAZ

Estás louco? Pois nós sabemos medicina?

SEMICÚPIO

Assim como há filosofia natural, porque não haverá natural medicina?

D. GILVAZ

E se o doente morrer, por falta de remédio?

SEMICÚPIO

Mais depressa morrerá por muitos remédios.

D. GILVAZ

E que lhe havemos de aplicar?

SEMICÚPIO

Tudo o que não for veneno; porque o que não mata engorda.

D. GILVAZ

Isso é temeridade.

SEMICÚPIO

Vamos, senhor, e Deus sobre tudo.

(Entra D. Fuas.)

D. FUAS

Espera, traidor D. Gil.

SEMICÚPIO

Ai, que isto é alguma espera!

D. GILVAZ

Que me quereis, D. Fuas?

D. FUAS

Que metais a mão a essa espada.

D. GILVAZ

Para quê?

SEMICÚPIO

É boa pergunta! Para que será? É para fazer alféloa magana.

D. FUAS

Vereis que sabe o meu valor castigar ofensas de um amigo desleal; pois sabendo vós que D. Nise era o ídolo da minha veneração, chegastes a profanar o meu culto com os sacrílegos votos de vossos sacrifícios, a quem suavizaram os odoríferos hálitos da manjerona.

SEMICÚPIO

Aí, cos diabos!

D. FUAS

E assim, metei a mão a essa espada, para que se conserve D. Nise, ou segura no templo de meu peito, ou no de vosso coração.

SEMICÚPIO

Senhor, aqui não é lugar de desafios, vamos para Vale de Cavalinhos a jogar os couces.

D. GILVAZ

D. Fuas, estais louco? Vede que sem causa é a vossa queixa.

D. FUAS

Não quero satisfações, vamos puxando.

SEMICÚPIO

Este homem vem puxado.

D. GILVAZ

Pois, para que vejais que o satisfazer-vos não é temer-vos...

(Entra Fagundes com mantilha.)

FAGUNDES

Cé! Ah, Senhor D. Fuas! Uma palavrinha depressa, que importa.

D. FUAS

Aquela é Fagundes. Que me quererá? Esperai, D. Gil, enquanto falo a esta mulher.

SEMICÚPIO

Senhor, não consinto; ou falar, ou brigar!

D. GILVAZ

Deixai mulheres e brigai, que estou pronto a satisfazer-vos por este modo.

FAGUNDES

Senhor, venha já depressa.

SEMICÚPIO

Já vai, que quer aqui primeiro meter a espada pelo olho a um amigo.

FAGUNDES

Ande, senão vou-me.

D. FUAS

Espera, que eu vou.

D. GILVAZ

Briguemos, D. Fuas.

SEMICÚPIO

Vamos a isso, antes que se acabe a cólera.

D. FUAS

D. Gil, se tendes brio, esperai, que eu venho já. *(Vai para Fagundes.)*

SEMICÚPIO

Ora vá de seu vagar, que esta pendência não é de cerimónia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos, que brigar com loucos é ser mais louco. *(Vai-se.)*

D. GILVAZ

Tomo o teu conselho. *(Vai-se.)*

FAGUNDES

Sim, Senhor, a casa está revolta; D Tibúrcio nos artículos da morte e quase moribundo; o velho banzado e tudo banzeiro; e, à vista disto, pode vossa mercê introduzir-se em casa o mais depressa que puder, em alguma forma que inventar a sua indústria, e adeus.

D. FUAS

Ouçá cá.

FAGUNDES

Não posso, que vou à botica.

D. FUAS

Pois essa ingrata de D. Nise ainda...

FAGUNDES

Não estou para ouvir nada.

D. FUAS

Espere, tome lá esses vinténs pelo trabalho.

FAGUNDES

Mostre cá depressa.

D. FUAS

Ora diga-me, pois D. Nise...

FAGUNDES

Noutra ocasião falaremos, venha isso depressa.

D. FUAS

Tome lá! Mas diga-me, enquanto tiro a bolsa, essa falsa, essa cruel...

FAGUNDES

Ai, mostre cá, não me detenha.

D. FUAS

Espere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.

FAGUNDES

Pois, Senhor, se a sua bolsa está aferrolhada, a minha língua está ferrugenta. *(Vai-se.)*

D. FUAS

Muito interesseira é esta velha! Mas adonde está D. Gil? D. Gil? Foi-se o cobarde; mas à fé de quem sou, que as não há-de perder comigo; e tu, ingrata Nise, hoje irei a ver-te disfarçado; que, à vista das tuas falsidades, é justo que me revista não só de outro hábito, mas também de outro affecto.

(Canta D. Fuas a seguinte:)

ÁRIA

De um amigo, e de uma ingrata
Ofendido, e ultrajado?
Quem me dera ver vingado!
Oh não sei como ainda cabe
No meu peito tanta dor!
Mas sim cabe, porque as penas
Nos estragos repartidas
Pelas bocas das feridas
Sairá com mais vigor. (*Vai-se.*)

CENA V

Câmara. Haverá uma cama, e nela estará D. Tibúrcio deitado, assistido de D. Lancerote, D. Clóris, D. Nise e Sevadilha.

D. LANCEROTE

O que tarda este médico!

SEVADILHA

Não pode tardar muito, pois me disse que já vinha.

D. LANCEROTE

Como estais agora, meu sobrinho?

D. TIBÚRCIO

Depois que arrotei, acho-me mais aliviado.

D. NISE

(Aparte)

Vaso mau não quebra.

D. CLÓRIS
(Aparte)

Se fora cousa boa, não havia de escapar.

D. LANCEROTE

Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro que havia ser luzido; vós o veríeis.

D. TIBÚRCIO

Outro tanto desejo eu fazer a vossa mercê.

(Entram D. Gilvaz e Semicúpio, vestidos de médico.)

SEMICÚPIO

Deo gratias.

D. LANCEROTE

Entrem, meus Senhores Doutores.

D. GILVAZ
(Aparte)

Em boa me meteu Semicúpio! Eu não sei o que hei-de dizer.

SEMICÚPIO

Qual de vossas mercês é aqui o doente?

D. LANCEROTE

É este que aqui está de cama.

SEMICÚPIO

Logo me pareceu pelos sintomas.

SEVADILHA

(Para D. Clóris)

Senhora, que são Semicúpio e D. Gil!

D. CLÓRIS

Bem os vejo. Nise, que te parece?

D. NISE

Que faz melhor efeito o teu alecrim, que a minha manjerona.

(Entram D. Fuas e Fagundes.)

FAGUNDES

Entre, Senhor Doutor; aqui vem este Senhor, que também se entende muito bem.

D. FUAS

Neste instante chego de fora da terra, quando logo me chamou esta mulher, que viesse a ver um enfermo.

D. LANCEROTE

Já era escusado; porém, entre e sente-se.

D. CLÓRIS

Nise, D. Fuas compete nas finezas com D. Gil.

D. NISE

Não me pesa.

D. FUAS

(Aparte)

Aqueles são D. Gil e Semicúpio; estou ardendo!

SEMICÚPIO

(Para D. Gil)

Ah, Senhor, não vês a D. Fuas também como gente?

D. GILVAZ

Já sei.

D. TIBÚRCIO

Ai, minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO

Agora vou a isso. Ora diga-me: que lhe dói?

D. TIBÚRCIO

Tenho na barriga umas dores mui finas.

SEMICÚPIO

Logo as engrossaremos; e tem o ventre túmido, inchado e pululante?

D. TIBÚRCIO

Alguma cousa.

SEMICÚPIO

Vossa mercê é casada, ou solteira?

D. TIBÚRCIO

Porquê, Senhor Doutor?

SEMICÚPIO

Porque os sinais são de prenhe.

D. LANCEROTE

Não, Senhor, que meu sobrinho é macho.

SEMICÚPIO

Dianteiro, ou traseiro?

D. LANCEROTE

Ui, Senhor Doutor! Digo que meu sobrinho é varão.

SEMICÚPIO

De aço, ou de ferro?

D. LANCEROTE

É homem, não me entende?

SEMICÚPIO

Ora, acabe com isso. Eis aqui como por falta de informação morrem os doentes; pois, se eu não especulava isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe aplicava uns cravos; e, se fosse varão, umas limas; e, como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe há-de fazer.

D. LANCEROTE

Eis aqui como gosto de ver os médicos: assim especulativos.

SEMICÚPIO

Pois o mais é asneira. Diga-me mais: ceou demasiadamente a noite passada?

D. TIBÚRCIO

Tanto como a futura; porque, desde que se me acabaram as chouriças que trouxe no alforge, me tem meu tio posto a pão e laranja.

D. LANCEROTE

Aquilo são delírios, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO

Assim deve ser por força, ainda que não queira, pois conforme ao aforismo: *Cum barriga dolet, cætera membra dolent.*

D. TIBÚRCIO

Não são delírios, Senhor Doutor, que eu estou em meu juízo perfeito.

SEMICÚPIO

Pior, pois quem diz que tem juízo não o tem.

D. LANCEROTE

Senhor Doutor, o homem está alucinado depois que um fantasma que saiu de uma caixa o desancou; e sobre isso, a grande pena que tem tomado de umas moças que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja insolência se me veio aqui a mãe queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

SEMICÚPIO

Ela é muito criada de vossa mercê.

D. TIBÚRCIO

Deixemos isso; o caso é que a minha barriga não está boa.

SEMICÚPIO

Cale-se, que ainda há-de ter uma boa barrigada. Deite a língua de fora.

D. TIBÚRCIO

Ei-la aqui.

SEMICÚPIO

Deite mais, mais.

D. TIBÚRCIO

Não há mais.

SEMICÚPIO

Essa bastará. É forte linguado! Tem mui boa ponta de língua! Vejam vossas mercês, Senhores Doutores.

D. GILVAZ

A língua é de prata.

D. FUAS

Húmida está bastante.

SEMICÚPIO

Venha o pulso. Está intermitente, lânguido e convulsivo. Ó menina, tomou as águas?

SEVADILHA

Ainda não veio o aguadeiro.

SEMICÚPIO

Pergunto se o doente fez a mija?

D. TIBÚRCIO

Nesta casa não há ourinol.

SEMICÚPIO

Pois tome-as, ainda que seja numa frigideira, em todo o caso, *quia per orinis optime cognoscitur morbus*.

D. LANCEROTE

Ah, Senhores, grande médico!

D. NISE

(Para D. Clóris)

E D. Fuas como está melancólico!

D. CLÓRIS

Estará cuidando na receita.

SEMICÚPIO

Ora, Senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo (se é que o é, que isto não pertence à medicina) teve uma colórica procedida de paixões internas, porque o espírito, agitado da representação fantasmal e da investida feminil, retraindo-se o sangue aos vasos linfáticos, deixando exauridas as matrizes sanguíneas, fez uma revolução no intestino recto; e, como a matéria crassa e viscosa que havia nutrir o suco pancreático, pela sua turgência se achasse destituída do vigor, por falta do apetite famélico, degenerou em líquidos. Estes, pela sua virtude acre e mordaz, velicando e pungindo as túnicas e membranas do ventrículo, exaltaram-se os sais fixos e voláteis por virtude do ácido alcalino, de sorte que fez com que o Senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuatur*, disse Galeno.

D. LANCEROTE

Eu não lhe entendi palavra.

D. TIBÚRCIO

Eu morro, sem saber de quê.

SEMICÚPIO

Conhecida a queixa, votem o remédio, que eu, como mais antigo, votarei em último lugar.

D. GILVAZ

Eu sou de parecer que o sangrem.

D. FUAS

Eu, que o purguem.

SEMICÚPIO

Senhores meus, a grande queixa, grande remédio; o mais eficaz é que tome umas bichas nas meninas-dos-olhos, para que o humor faça retrocesso de baixo para cima.

D. TIBÚRCIO

Como é isso de bichas nas meninas-dos-olhos?

SEMICÚPIO

É um remédio tópico; não se assuste, que não é nada.

D. TIBÚRCIO

Vossa mercê me quer cegar?

SEMICÚPIO

Cale-se aí; quantas meninas tomam bichas, e mais não cegam.

D. LANCEROTE

Calai-vos, sobrinho, que ele médico é e bem o entende.

D. TIBÚRCIO

Por vida de D. Tibúrcio, que primeiro há-de levar o Diabo ao médico e à receita, que eu em tal consinta. (*Ergue-se.*)

SEMICÚPIO

Deite-se, deite-se! O homem está maníaco e furioso!

D. LANCEROTE

Aquietai-vos; sois alguma criança?

D. NISE

Ora, Senhores Doutores, já que vossas mercês aqui se acham, bem é que os informemos, eu e minha irmã, de várias queixas que padecemos.

SEMICÚPIO

Inda mais essa? Ora digam.

D. CLÓRIS

Senhor, o nosso achaque é tão semelhante, que com uma só receita se podem curar ambos os males.

D. NISE

Não há dúvida que o meu achaque é o mesmo em carne que o de minha irmã.

SEMICÚPIO

Achaque em carne pertence à cirurgia.

D. CLÓRIS

Que, como dormimos ambas, se nos comunicou o mesmo achaque; e assim, Senhor, padecemos umas ânsias no coração, umas melancolias n'alma, uma inquietação nos sentidos, uma travessura nas potências; e finalmente, Senhor Doutor, é tal este mal, que se sente sem se sentir; que dói sem doer; que abrasa sem queimar; que alegra entristecendo, e entristece alegrando.

SEMICÚPIO

Basta, já sei, isso é mal cupidista.

D. LANCEROTE

O que é o mal cupidista, que nunca tal ouvi?

SEMICÚPIO

É um mal da moda.

D. NISE

Que remédio nos dão vossas mercês?

D. FUAS

Eu dissera que o óleo de manjerona era excelente remédio.

D. GILVAZ

O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do alecrim.

D. FUAS

Ui, Senhor Doutor, a manjerona é um excelente remédio.

D. GILVAZ

Nada chega ao alecrim, cujas excelentes virtudes são tantas, que para numerá-las não acha número ou algarismo; e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bendita.

D. FUAS

Se entrarmos a especular virtudes, as da manjerona são mais que as da erva santa.

SEMICÚPIO

Daqui a pô-la no altar não vai nada.

D. FUAS

A manjerona é planta de Vénus, de cujos ramos se coroa Cupido, e para o mal cupidista não pode haver melhor remédio que uma planta de Vénus; pois, se notarmos a perfeição com que a natureza a revestiu daquelas mimosas folhinhas, para que todo o ano sejam hieroglífico da imortalidade, aquele suavíssimo aroma de cuja fragrância é hidrópico o olfacto, ela é a delícia de Flora, o mimo de Abril e a esmeralda no anel da Primavera.

SEMICÚPIO

É verdade; não há dúvida.

D. NISE
(*Aparte*)

Estou tão contente!

D. GILVAZ

O alecrim, Senhor, pela sua excelência, é titular na república das plantas, cujas flores, depois de serem bela imitação dos cerúleos globos, são a doçura do mundo nos melífluos ósculos das abelhas.

SEMICÚPIO

Todavia, a matéria é de *apicibus*.

D. GILVAZ

Ele é a coroa dos jardins, o lenço vegetável das lágrimas da Aurora. Nas chamas, é Fénix; nas águas, rainha; e finalmente é o antídoto universal de todos os males, e a mais segura tábua da vida, quando no mar das queixas assopram os ventos inficionados; e para prova deste sistema, repetirei, traduzido em português, um epigrama do proto-médico Avicena, poeta arábico.

SONETO

Um dia para Siques quis amor
Uma grinalda bela fabricar,
E por mais que buscou, não pôde achar
Flor do seu gosto entre tanta flor.
Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quis por se espinhar,
Ao girassol mostrou não se inclinar,
E ao jacinto deixou na sua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Num verde ramo pretendeu colher;
Tu só me agradas, disse, pois enfim
Por ti desprezo, só por te querer,
Jacinto, girassol, rosa e jasmim.

D. CLÓRIS

Viva o Senhor Doutor, eu quero as fumaças do alecrim.

D. TIBÚRCIO

E morra o Senhor doente! Ai, minha barriga!

D. FUAS

Se versos podem servir de textos, escute uns de um antegonista desse autor a favor da manjerona, pelos mesmos consoantes.

SONETO

Para vencer as flores quis amor
Setas da Manjerona fabricar:
Foi discreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flor:
O jasmim desmaiou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No girassol foi culto o inclinar,
Ais o jacinto deu de inveja e dor.
Entre as vencidas flores pôde ver
Retirar-se fugido o Alecrim,
Que amor para vingar o quis colher;
Cantou das flores o triunfo, enfim,
Nem os despojos quis, por não querer
Jacinto, girassol, rosa e jasmim.

D. NISE

Viva o Senhor Doutor, eu quero o remédio da manjerona.

D. LANCEROTE

Não cuidei que a manjerona e alecrim tinham tais virtudes. Vejamos agora o que diz o Senhor Doutor.

D. TIBÚRCIO

Que tenho eu com isso? Senhores, vossas mercês me vieram curar a mim, ou às raparigas? Ai, minhas barrigas!

SEMICÚPIO

Calado estive ouvindo a estes Senhores da escola moderna, encarecendo a manjerona e alecrim. Não há dúvida que, *pro utraque parte* há mui nervosos argumentos, em que os doutores alecrinistas e manjeronistas se fundam; e, tratando Dioscórides do manjeronismo e alecrinismo, assenta, de pedra e cal, que para o mal cupidista são remédios inanes; porque, tratando Ovídio do remédio *amoris*, não achou outro mais genuíno contra o mal cupidista que o malmequer, por virtude simpática, magnética, diaforética e diurética, com a qual *curatur amorem*. Repetirei as palavras do mesmo Ovídio.

SONETO

Essa, que em cacos velhos se produz
Manjerona misérrima sem flor,
Esse pobre Alecrim, que em seu ardor
Todo se abrasa por sair à luz:
Ainda que se vejam hoje a flux
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que elas o bolo hão-de repor,
Senão negro seja eu como um lapuz:
O Malmequer, Senhores, isso sim,
Que é flor, que desengana, sem fazer
No verde da esperança amor sem fim;
Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá, que a Manjerona, e o Alecrim,
As plantas beijarão do Malmequer.

SEVADILHA

Viva e reviva o Senhor Doutor! E, já que é tão bom médico, peço-lhe me cure de umas dores tão grandes, que parecem feitiço.

SEMICÚPIO

Dá cá as pulseiras. Ah, perra, que agora te agarrei! Tu estás marasmódica e empiemática. Ah, Senhor, logo, logo, antes que se perpetue uma febre podre, é necessário que esta rapariga tome uns semicúpios.

SEVADILHA

Semicúpios, eu? É cousa que abomino.

SEMICÚPIO

Eu descarrego a minha consciência e não sou mais obrigado.

D. LANCEROTE

Ela não tem querer, há-de fazer o que vossa mercê mandar.

FAGUNDES

Eu também sou de carne, tenho anos e tenho achaques.

SEMICÚPIO

Pois cure-se primeiro dos anos, logo se curará dos achaques.

FAGUNDES

Não, Senhor, que este achaque não é anual, é diário.

SEMICÚPIO

Se fora nocturno, não era mau. Pois que achaque é o seu, senhora velha?

FAGUNDES

Que há-de ser? É esta madre, que me persegue.

SEMICÚPIO

Ui, você com esses anos ainda tem madre? E o que será de velha a senhora sua madre! Filha, isso não é madre, é avó.

FAGUNDES

Talvez que por isso tão rabugenta me persiga. E que lhe farei, Senhor Doutor?

SEMICÚPIO

A uma madre velha que se lhe há-de fazer? Andar, ponha-lhe óculos e muletas, e deixe-a andar.

D. LANCEROTE

Isto aqui é um hospital, graças a Deus. Só eu nesta casa sou são como um pêro, apesar de duas fontes e uma funda.

SEMICÚPIO

Oh, ditoso homem, que vives sem males!

D. TIBÚRCIO

Senhores, o meu mal devia ser contagioso, porque depois da minha doença todos adoeceram. Ai, minha barriga!

D. LANCEROTE

Pois em que ficamos?

SEMICÚPIO

Senhor meu, falando em termos, o doente sangre-se no pé; vossa mercê, na bolsa; às senhoras suas sobrinhas, três banhos; à moça, semicúpios; e a velha lancem-na às ondas, que está danada.

FAGUNDES

Ai, que galante cousa!

D. CLÓRIS

Eu não quero mais remédio que os fumos do alecrim.

D. NISE

E eu os da manjerona.

SEMICÚPIO

Não seja essa a dúvida. Ainda que não sou desse voto, contudo cada um é senhor da sua vida, e se pode curar como quiser; lá vai a receita.

(Canta Semicúpio a seguinte:)

ÁRIA

Si in medicinis
Te visitamus,
Non asniamus,
Sed de alecrinis,
Et manjeronis
Recipe quantum
Satis *aná*.

Credite mihi,
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

D. LANCEROTE

Esperem, Senhores, vossas mercês perdoem, lá repartam essa ninharia entre todos, que eu não estou aparelhado senão para um.

SEMICÚPIO

Venha embora, que só este é o verdadeiro sintoma da medicina. (*Vai-se.*)

D. GILVAZ

Ai, Clóris, que, quando o mal é de amor, só o morrer é remédio! (*Vai-se.*)

D. FUAS

Finjo que me vou, por ver se posso apurar a falsidade de D. Nise. (*Vai-se.*)

D. TIBÚRCIO

Mande-me cerrar este biombo, que vou entrando em um suor copioso; abafem-me bem.

D. LANCEROTE

Aqui servia o meu capote. Paciência! Vamo-nos e deixemo-lo suar; ninguém lhe fale à mão. *(Vai-se.)*

D. CLÓRIS

Vamos, Nise, a moralizar os extremos destes amantes. *(Vai-se.)*

D. NISE

Tanto me importa; vamos a regar os nossos craveiros. *(Vai-se.)*

FAGUNDES

O diabo de Semicúpio temo que me meta em um chinelo com seus ardis. *(Vai-se.)*

(Entra D. Fuas.)

D. FUAS

Já todos se foram. Quem me dera encontrar a esta tirana, cruel, falsa, inimiga.

(Entra Fagundes.)

FAGUNDES

D. Tibúrcio fica a suar como um cavalo. Mas aí! Quem está aqui?

D. FUAS

Sou eu, Senhora Fagundes, não se assuste.

FAGUNDES

Senhor, que temeridade é esta? Vossa mercê não vê que ainda é lusque-fusque? Como, sem deixar anoitecer, penetra estas paredes, aonde até o sol entra às furtadelas?

D. FUAS

Não reparei que ainda era dia, pois no abismo de meu ciúme sempre estou às escuras. Aonde está esta cruel D. Nise?

FAGUNDES

Estará no jardim.

D. FUAS

Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meter-me na caixa a mim e a D. Gil.

FAGUNDES

Vamos, que eu lhe contarei o que foi; ande por aqui com pés de lã. Ai, Senhor D. Fuas, quanto me deve!

CENA VI

Vista de quintal, em que haverá alguns alegretes e uma capoeira, e vêm D. Gilvaz e Semicúpio descendo por uma corda.

D. GILVAZ

Semicúpio, deixa-me descer eu primeiro, para que se não quebre a corda com o peso de ambos. *(Desce.)*

SEMICÚPIO

Agarre-se bem à corda, deixe-se escorregar.

D. GILVAZ

Ora já cá estou; mas eu não paro aqui, até encontrar com D. Clóris. *(Vai-se.)*

(Entra D. Lancerote.)

D. LANCEROTE

Este quintal é o meu divertimento e encanto; um homem aqui assentado e tomando o fresco, não há maior regalo.

SEMICÚPIO

Agora já poderei descer afoitamente.

D. LANCEROTE

Que é isto que cai sobre mim? Quem me acode!

(Ao descer, Semicúpio cai sobre D. Lancerote.)

SEMICÚPIO

(Aparte)

Não é nada, escarranchei-me no velho cuidando que era poial; estou bem aviado!

D. LANCEROTE

Mas que vejo? Aque-d'el-rei, ladrões!

SEMICÚPIO

Não o disse eu?

D. LANCEROTE

Ladrão, velhacão, tu descendo por uma corda os altos muros de meu quintal? Pois com essa mesma corda te atarei de pés e mãos, até que amanhã, para entregar-te à justiça.

SEMICÚPIO

É bem feito, já que eu mesmo dei a corda para me enforcar.

D. LANCEROTE

Dá cá os braços.

SEMICÚPIO

Já está meu amigo? Quer-me abraçar?

D. LANCEROTE

Anda cá, ladrão, mostra cá os pulsos.

SEMICÚPIO

Não tenho febre.

D. LANCEROTE

Anda, que atado hás-de ficar.

SEMICÚPIO

Senhor, por sua vida, que me não ate; basta o enlevo em que me vejo.

D. LANCEROTE

Dize: a que vieste a este quintal?

SEMICÚPIO

Ora, Senhor, ate-me muito embora, mas não me aperte por isso.

D. LANCEROTE

Por isso é que eu te aperto; hás-de confessar a que vieste.

SEMICÚPIO

(Aparte)

Eu estou atado, não sei o que lhe responda.

D. LANCEROTE

Qual foi o fim que aqui te trouxe?

SEMICÚPIO

A dar fim à minha vida, por dar princípio à minha morte por meios desta corda, que, falsa, me entregou nas mãos de vossa mercê.

D. LANCEROTE

Vieste roubar-me, não é verdade?

SEMICÚPIO

Sim, Senhor, mas foi a roubar-lhe as atenções.

D. LANCEROTE

Anda, ladrãozinho, para a capoeira donde ficarás atado.

SEMICÚPIO

Para onde, Senhor?

D. LANCEROTE

Para a capoeira, até que venha o Sol a ser testemunha do teu latrocínio.

SEMICÚPIO

Pois vossa mercê quer encapoeirar-me? Graças a Deus que não sou cá nenhuma galinha, mas sabe porque fala? Porque me acha atado, quando não, havíamos jogar as cristas.

D. LANCEROTE

Anda, ladrão, que aqui ficarás até amanhecer. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

Ora, criado Senhor Semicúpio: já sabemos que isto é meio caminho andado para a forca; mas é bem feito que isto a mim me suceda. Que tinha eu cá com D. Gil? Pois, para que ele fosse galo, me vejo eu feito galinha, se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glórias e eu entre penas; ele voando na esfera de amor, e eu de asa caída na gema dos ovos.

(Entra Fagundes.)

FAGUNDES

Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a selada de rabos para cearmos; já temperei as gaitas para o galego; já assei o fricassé; já cosi um guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou uma tonta, esquecia-me o melhor, que é matar uma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

SEMICÚPIO

Eu o estava dizendo; grande desgraça é ser um homem galinha, pois até de uma mulher tem medo.

FAGUNDES

Mas confesso que não sou para ver sangue, que logo desmaio; porém, eu fecho os olhos e meto a faca, que alguma ficará espichada.

SEMICÚPIO

Oh, mulher! Deus te tire isso do pensamento.

FAGUNDES

Qual! Eu sou muito melindrosa e fusilânima; não tenho valor para matar uma formiga. Ora lá vai a Deus, e à ventura.

SEMICÚPIO

Sem falência, eu morro de morte galinhal! Não há mais remédio que falar à velha; mas, se lhe falo, é capaz de acordar o cão do velho, que está dormindo, e encerrar-me em parte mais apertada. Não sei o que faça; pois tal estou, que, se a velha me mata, não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

FAGUNDES

Para que é cansar? Eu são sou sanguinolenta.

(Entra Sevadilha.)

SEVADILHA

Fagundes, o Senhor está desesperado por você; que faz aí?

FAGUNDES

Já que vieste, matarás uma galinha, que eu não me atrevo. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

Lá vem a Sevadilha! Ora o certo é que donde a galinha tem os ovos, aí se lhe vão os olhos.

SEVADILHA

Aborrece-me gente melindrosa; vejam agora que dó pode haver de matar um animal? Verão como eu faço isto brincando.

SEMICÚPIO

Não são bons brincos esses, Sevadilha; mas, se tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

SEVADILHA

Ai, que estamos em tempo que falam os animais! Este, pela voz, é Semicúpio.

SEMICÚPIO

Eu sou que te falo de papo; é o teu Semicúpio que está feito semigalo.

SEVADILHA

Quem te meteu aí?

SEMICÚPIO

O velho, por eu ser metediço.

SEVADILHA

Pois como foi?

SEMICÚPIO

Já me não lembra, que eu tenho memória de galo.

SEVADILHA

Anda cá para fora.

SEMICÚPIO

Não posso, sem tu me enxotares daqui.

SEVADILHA

Como não podes, se eu sei que muito pode o galo no seu poleiro?

SEMICÚPIO

Isso seria se o velho me não desasara.

SEVADILHA

Não sabes o bem que me pareces nessa capoeira! Estás guapo! Estás frança!

SEMICÚPIO

Sim, estou frança, porque estou feito galo.

SEVADILHA

Pois dá-me das tuas penas para um regalo.

SEMICÚPIO

Pois tu te regalas com as minhas penas?

SEVADILHA

Não, mas folgo de ver-te feito alma em pena.

SEMICÚPIO

Que fará, se souberas que estou todo coberto de penas vivas? Ora anda, Sevadilha, tira-me de mais penas.

(Cantam Semicúpio e Sevadilha a seguinte:)

ÁRIA A DUO

SEVADILHA

Meu franguinho
Topetudo
Como é galantinho!
Que lindo que está!

SEMICÚPIO

Minha bela
Malfazeja,
Caí na esparrela,
Liberta-me já.

SEVADILHA

Coitada da pila,
Pila, pila, pila,
Que te hão-de pilar.

SEMICÚPIO

Acode-me, filha,
Que estou há meia hora
A cacarejar.

AMBOS

Que triste cantar
É o cacarejar!

SEVADILHA

Mas não te agastes,
Que eu vou-te a soltar.

SEMICÚPIO

Vem já, que não posso
Mais tempo penar.

AMBOS

Que é pena, que é mágoa,
Que uma ave de pena
Não possa voar.

SEMICÚPIO

Anda, deita-me pela porta fora, ainda que seja aos coices. (*Vai-se.*)

SEVADILHA

Ora vamos. (*Vai-se.*)

(Entra D. Fuas.)

D. FUAS

Para este quintal, ou jardim, ou o que for, me disse Fagundes viera D. Nise a regar a sua manjerona; mas, enquanto ela não vem, me esconderei atrás deste canteiro de alecrim, pois da manjerona não quero auxílios para encobrir-me dos argentados esplendores da Lua, que tão clara se ostenta esta noite, talvez avisando-me, na clara inconstância de seus raios, a variedade de D. Nise. *(Esconde-se da banda do alecrim.)*

(Entra D. Gilvaz.)

D. GILVAZ

Grande temeridade foi a minha, pois, sem avisar a D. Clóris, me expus a penetrar os quartos desta casa, com o perigo de me encontrar D. Lancerote; mas sem dúvida Clóris virá a este seu jardim a namorar o seu alecrim; e assim, escondido nas sombras destas plantas... Mas ai, que é manjerona! Perdoa, Clóris, que esta acção foi um acaso, e não eleição. *(Esconde-se da banda da manjerona.)*

(Entram D. Nise e D. Clóris, cada uma pela sua parte, com aguadores na mão, regando e cantando o seguinte:)

D. NISE

Sois no céu de Flora,
Manjerona bela,
Não só verde estrela,
Mas luzida flor.

D. CLÓRIS

Alecrim florido,
Que de Abril na esfera
Sois na Primavera
Fragrante primor.

AMBAS

Esta pura neve,
Que tributa Flora,
São risos da Aurora,
E lágrimas de amor.

RECITADO

D. NISE

Mas que vejo? (Ai de mim!) Quem, arrogante,
Da manjerona usurpa o ser fragrante?

D. GILVAZ

Quem, ó Nise, escondido amante espera
O Sol que adoro nesta verde esfera? (*Sai.*)

D. FUAS

Pois, traidor, como assim tirano intentas,
Roubar-me a Nise, que meu peito adora? (*Sai.*)
E tu, falsa inimiga. Mas ai, triste,
Que mal a tanta pena a dor resiste!

D. CLÓRIS

E tu, falso D. Gil, que em torpe insulto
Buscas a manjerona, amante oculto,
Deixa-me, fermentado...

D. GILVAZ

Atende, ó Clóri,
Que sem causa fulminas teus rigores,
Quando em puros ardores
Nas chamas do alecrim feliz me abraso.

D. NISE

Sem motivo, D. Fuas, me criminas, porque eu firme...

D. GILVAZ

E eu constante...

D. GILVAZ e D. NISE

Fiel te adoro e te busco amante.

ÁRIA A QUATRO

D. GILVAZ

Atende, ó Clóri, atende,
Verdades, de quem sabe
Ser firme em te adorar.

D. CLÓRIS

Suspende, infiel, suspende
Injúrias, de quem sabe
Jamais te acreditar.

D. FUAS

Nise ingrata, infiel amigo,
Cesse a bárbara indecência,
Que a evidência
Não se pode equivocar.

D. GILVAZ e D. NISE

Pois tu só, querida prenda.

D. FUAS e D. CLÓRIS

Já não creio os teus enganos,

D. GILVAZ e D. NISE

Nas purezas de meu peito
Felizmente viverás,

D. FUAS E D. CLÓRIS

Nos rigores de meu peito
Teu castigo encontrarás.

TODOS

Mas, ó cego amor tirano,
Como posso em tanto dano
Teu estrago idolatrar?

(Chega Fagundes.)

FAGUNDES

Já acabaram de cantar? Pois agora entrem a chorar.

D. CLÓRIS

Porquê, Fagundes?

FAGUNDES

Porque o Senhor seu tio diz que logo vem ao quintal, afirmando que há ladrões em casa; e diz que se não há-de deitar esta noite, ainda que faça rosa divina.

D. GILVAZ

Aonde estará Semicúpio?

FAGUNDES

Não aparece; Senhores, escondam-se, e não digam ao depois que duro foi, e mal se cozeu.

D. NISE

Metam-se nesta capoeira entretanto.

D. GILVAZ

E que remédio, já que Semicúpio não aparece?

D. FUAS

A necessidade sabe unir a quem se deseja separar. Nise cruel, eu me escondo na capoeira, que só o lugar das penas é o centro de um amante infeliz. *(Mete-se na capoeira.)*

D. GILVAZ

Quem serve a Cupido, às vezes é leão, às vezes galinha. *(Mete-se na capoeira.)*

FAGUNDES

Ah, Senhores, não me esmaguem os ovos de uma galinha, que aí está de choco.

(Entram D. Tibúrcio e Sevadilha.)

SEVADILHA

Senhor, não me persiga! Olhem o diabo do homem!

D. TIBÚRCIO

Aí no quintal te quero. Mas aqui está Clóris e Nise. Remediarei o negócio. Esta moça faz zombaria de mim; deixa-me tu casar, que eu te porei a caminho.

D. CLÓRIS

Que é isso, primo? Como, estando doente e tão perigoso, vem a estas horas ao sereno?

D. TIBÚRCIO

Que há-de ser, se vocês não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo que não faça às avessas? De sorte que me fez vestir e sair atrás dela, como desesperado das perrices que me faz.

D. NISE

Tu não queres, Sevadilha, senão ser descortês a meu primo?

FAGUNDES

Vossas mercês não querem crer que se há-de fazer desta moça a peste, fome e guerra.

SEVADILHA

Para que estamos com arcas encoiradas? O Senhor D. Tibúrcio anda-me ao sucário e não me deixa uma hora nem instante.

D. TIBÚRCIO

Calte, mentirosa!

FAGUNDES

Isso tem ela, que levanta um testemunho como quem levanta uma palha.

D. CLÓRIS

Não nos importa essa averiguação; só digo, Senhor D. Tibúrcio, que parece muito mal estar vossa mercê aqui connosco a estas horas, e que pode vir meu tio e achar-nos com vossa mercê; que, suposto seja primo e com tentações de noivo, sempre o recato e decência se deve conservar; e assim, lhe pedimos em cortesia se vá para o seu quarto.

SEVADILHA

Ande, vá despejando o beco.

D. TIBÚRCIO

Nem eu quisera que meu tio me achasse aqui, por nenhum modo; mas, coitado de mim, que ele lá vem! Tomara que me não visse.

SEVADILHA

Pois esconda-se nessa capoeira.

D. TIBÚRCIO

Dizes bem.

D. CLÓRIS

Estás louca, Sevadilha? Meu primo há-de se lá meter numa capoeira? Isso não.

D. TIBÚRCIO

Não importa, que para conservar o seu recato me meterei na parte mais imunda. (*Entra na capoeira.*)

D. NISE

Estamos perdidas, que lá se encontra com os dous! Que fizeste, maldita?

SEVADILHA

Eu bem sei o que fiz: verão que peça lhe prego.

D. GILVAZ

Este deve ser Semicúpio. És tu, Semicúpio?

D. TIBÚRCIO

Qual Semicúpio? Sou uma semibala para ele. Quem está aqui? Ó Sevadilha, abre-me a porta, que eu quero sair, corra a água por onde correr!

SEVADILHA

Cale-se, que aí vem o velho.

D. FUAS

Que tal me suceda!

D. GILVAZ

Estou tremendo!

D. NISE e D. CLÓRIS

Estamos perdidas!

(Entram D. Lancerote com uma luz na mão, e Semicúpio vestido de ministro com vara na mão.)

SEMICÚPIO

Não se assustem, minhas Senhoras, que isto não é mais do que uma diligência.

D. LANCEROTE

Vossa mercê poupou-me o trabalho de o ir procurar de manhã, para lhe entregar um ladrão que tenho preso naquela capoeira.

SEMICÚPIO

A isso mesmo venho, que já tive quem disso me avisasse.

D. NISE

(Aparte)

Que será isto?

D. CLÓRIS

(Aparte)

São infortúnios meus.

FAGUNDES

(Aparte)

Demos com o pé na peia.

SEVADILHA

(Aparte)

Folgo por amor de D. Tibúrcio.

SEMICÚPIO

Hoje todos hão-de mamar o chasco, que a ninguém me hei-de dar a conhecer. Ora, meu Senhor, como foi este caso?

D. LANCEROTE

Suponha vossa mercê que, acabada uma junta de médicos, que vieram assistir a meu sobrinho, sendo já quase noite, estando eu assentado junto daquela manjerona, que não me deixará mentir, veio descendo um homem por uma corda, e, cuidando que eu era poial, me pôs o pé no cachaço.

SEMICÚPIO

Isso foi o mesmo que pôr-lhe o pé no pescoço. Não há maior desaforo!

D. LANCEROTE

Assustei-me, não há dúvida, quando me vi daquela sorte oprimido; mas, tornando a mim, fui sobre ele e, conhecendo que era ladrão, o prendi nessa capoeira, donde a perspicaz diligência de vossa mercê saberá melhor obrar do que eu falar.

SEMICÚPIO

E como conheceu vossa mercê que era ladrão?

D. LANCEROTE

Pela cara, que era a mais horrenda que meus olhos viram.

SEMICÚPIO

(Aparte)

Estou já desenganado que sou feio.

D. LANCEROTE

Ande vossa mercê e verá.

SEMICÚPIO

Ah, sô ladrão, saia cá para fora.

D. FUAS

Vossa mercê vem enganado, porque eu... *(Sai.)* (Há maior desgraça!) Sou um homem bem-nascido.

SEMICÚPIO

(Aparte)

É D. Fuas; quem me dera ver a D. Gil, que é o que cá me traz.

D. LANCEROTE

Senhor, este não é o ladrão que eu encerrei.

SEMICÚPIO

Já se vê que este não é tão feio como vossa mercê diz; vejamos se está lá mais algum! Oh, cá está mais outro; *venite ad cam para foram!* *(Aparte.)* Ai, que é D. Gil! Já estou descansado.

D. LANCEROTE

Também não é este o ladrão que eu aqui encerrei.

D. GILVAZ

Claro está que não sou eu, pois eu, graças a Deus, não necessito de furtar.

D. LANCEROTE

E que faziam vossas mercês aqui, se não eram ladrões?

SEMICÚPIO

Essa inquirição me pertence a mim, que sou juiz privativo desta causa; e vossa mercê, meu amo, não se costume a mentir aos ministros de vara grossa, dizendo-me que o ladrão era feio e horrendo, quando vemos que estes Senhores são mui bem estreados.

D. LANCEROTE

Senhor juiz, por vida minha, que era o mais feio homem que vi em meus dias.

SEMICÚPIO

Cale-se, não minta, que o hei-de mandar carregar de ferros.

D. LANCEROTE

Ora, Senhor, torne vossa mercê a ver a capoeira, que, assim como achou dous, que eu não meti, talvez que ache o que eu encerrei.

SEMICÚPIO

Já não tenho mais que buscar.

D. LANCEROTE

Faça-me esse gosto, que pode lá estar ainda mais algum.

SEVADILHA

Isso se perde? Veja, Senhor Doutor.

SEMICÚPIO

Bem sei que vou de balde, mas eu vou. Mas não, entre vossa mercê, que me não quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

D. LANCEROTE

Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ai, que ele aqui está! Não o disse eu?

SEMICÚPIO

Traga-o cá para fora.

D. LANCEROTE

Ei-lo aqui. Mas que vejo! Não sois vós, meu sobrinho?

D. TIBÚRCIO

Eu sou, por meus pecados.

D. LANCEROTE

Eu estou besta em besta.

SEMICÚPIO

Este sim, que é o ladrão, que tem horrendíssima cara; todos três venham comigo.

D. NISE

(Aparte)

Ai, D. Fuas, que estou sem alma!

D. CLÓRIS
(*Aparte*)

Ai, D. Gil, que estou sem vida!

D. LANCEROTE

Senhor, advirta que este é meu sobrinho.

SEMICÚPIO

Por ser seu sobrinho, não pode ser ladrão?

D. LANCEROTE

Senhor, ele mal podia descer pela corda, pois estava doente de cama.

SEMICÚPIO

Pois acaso ele dorme na capoeira?

D. LANCEROTE

Não, senhor.

SEMICÚPIO

Se não dorme, que fazia nela, feito *socius criminis* destes dois machacazes?

D. LANCEROTE

Sobrinho, a que viestes à capoeira?

D. TIBÚRCIO

Eu, Senhor, estando...

SEMICÚPIO

Chitom! Não me usurpe a jurisdição; já disse que estas averiguações só a mim me pertencem. Vamos andando *ad cagarronem*.

D. LANCEROTE

Não importa: ide, sobrinho, que Deus é grande.

D. TIBÚRCIO

A minha inocência me livrará.

D. LANCEROTE

Como é a sua graça, meu Senhor?

SEMICÚPIO

O bacharel *Petrus in cunctis*, juiz de fora daqui, com alçada na vara até o ar.

D. LANCEROTE

Pois, Senhor bacharel *Petrus in cunctis*, saiba vossa mercê de caminho que também me furtaram um capote de saragoça em muito bom uso.

SEMICÚPIO

Capote de saragoça é caso de devassa: notificados vossas mercês todos, para que em amanhecendo venham jurar a minha casa sobre este furto.

D. LANCEROTE

E aonde mora vossa mercê?

SEMICÚPIO

Junto a um D. Gilvaz, que mora...

D. LANCEROTE

Já sei. Eu perguntarei.

SEMICÚPIO

Pois lá estará quem lhe responda.

D. GILVAZ

(Aparte)

Ai, que é Semicúpio! Agora reparo, já estou sem susto.

SEMICÚPIO

Vamos; amanhã todos a minha casa, sob pena de prisão. *(Vai-se.)*

D. FUAS

(Aparte)

Ai, Nise, que as tuas falsidades me puseram neste estado! *(Vai-se.)*

D. TIBÚRCIO

Tio, trate logo de soltar-me. *(Vai-se.)*

D. GILVAZ

Quem não deve, não teme. (*Vai-se.*)

D. LANCEROTE

Que mal sossegarei esta noite, indo preso meu sobrinho, se não aparecer o ladrão que eu prendi! Não há homem mais desgraçado! (*Vai-se.*)

D. NISE

Tal estou de sentimento, que até me faltam as lágrimas para o alívio. (*Vai-se.*)

FAGUNDES

Eis aqui os alecrins e manjeronas: cousas de ervas é para bestas. (*Vai-se.*)

SEVADILHA

E de que escapou Semicúpio! Também alguma alma boa rezou por ele. (*Vai-se.*)

D. CLÓRIS

Ai, D. Gil, que a tua desgraça será a causa de minha morte! (*Vai-se.*)

CENA VII

*Sala, em que haverá um bufete, tinteiro, papel, pena e cadeiras; e entram
D. Gilvaz e Semicúpio vestido ainda de juiz.*

D. GILVAZ

Não te perdoo o susto que me fizeste levar.

SEMICÚPIO

Nem eu o chasco da capoeira, que me fez sofrer.

D. GILVAZ

E agora, que determinas com essa devassa que queres tirar?

SEMICÚPIO

Logo verá.

D. GILVAZ

E por que não soltas a D. Fuas e a D. Tibúrcio que estão fechados
naquele quarto escuro?

SEMICÚPIO

Não poderei também ter meus segredos, sem que ninguém o saiba? O certo é que, como os trouxemos às escuras, entendem fixamente que estão em rigorosa prisão. Mas aí vem gente, e vossa mercê faça vezes de escrivão.

D. GILVAZ

Aí parou uma sege. Se serão elas?

SEMICÚPIO

Lá está quem as há-de encaminhar; *sedete*, que aí vem subindo a primeira testemunha.

(Entra D. Lancerote.)

D. LANCEROTE

Senhor, aqui estamos todos à ordem de vossa mercê.

SEMICÚPIO

Venham entrando um a um.

D. LANCEROTE

Pois, Senhor, lembre-se do meu capote.

SEMICÚPIO

Eu já tenho tomado isso a mim; vá descansado, que eu puxarei bem pela justiça, e farei quanto ela der de si.

D. LANCEROTE

Não tenho mais que dizer. *(Vai-se.)*

D. GILVAZ

Homem, tu me tens atónito com as tuas indústrias!

SEMICÚPIO

Bem é que as reconheça. Ah, Senhor, esteja de meio perfil, para que o não conheça D. Nise, que lá vem.

(Entra D. Nise.)

D. NISE

Venho morta. Nunca em tal me vi!

SEMICÚPIO

Uma vez é a primeira! Sente-se, minha Senhora, desabafe-se, suponha que está em sua casa.

D. NISE

Ai, Senhor! Não sei que respeito infunde a cara de um juiz, que faz titubear o mais valente coração!

SEMICÚPIO

E mais eu, que pareço um Papiniano assanhado. Diga o seu nome. Vá lá escrevendo, Senhor escrivão.

D. NISE

Chamo-me D. Nise Sílvia Rufina Fábila Lisarda Laura Anarda e...

SEMICÚPIO

Basta, Senhora. E pode vossa mercê com todos esses nomes?

D. NISE

Ainda faltam quatorze.

SEMICÚPIO

Visto isso, é vossa mercê a mulher mais nomeada que há no mundo. Que idade tem?

D. NISE

Quinze anos escassos.

SEMICÚPIO

Liberal andou a natureza; em tão poucos anos, tanta perfeição! E do costume?

D. NISE

Não entendo.

SEMICÚPIO

Ponha lá que do costume jejua. Sabe quem furtou aquele capote ao Senhor seu tio?

D. NISE

Presumo que foi um criado de D. Gil, que entrou disfarçado a vender alecrim.

SEMICÚPIO

Tenho largas notícias desse criado, e me dizem que é ardiloso *quantum satis*.

D. NISE

Isso é de pasmar!

SEMICÚPIO

E sabe se aqueles homens da capoeira seriam ladrões?

D. NISE

Não, Senhor, porque um era D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos...

SEMICÚPIO

Diga, não se faça rubicunda.

D. NISE

Senhor, os ditos homens vieram por causa do amor; e, como veio meu tio, se esconderam na capoeira.

SEMICÚPIO

Rapaziadas. Ora ande, vá-se aí para dentro e não faça outra. Seja sisuda e virtuosa, que assim manda o direito: *honeste vivere*.

D. NISE

À obediência de vossa mercê. *(Vai-se.)*

D. GILVAZ

Homem, acabemos com isso; venha D. Clóris, por quem estou suspirando.

(Entra Fagundes.)

FAGUNDES

Muito bons dias, meu Senhor.

SEMICÚPIO

Chegue-se para cá. Olhe para mim. Vossa mercê, a meu ver, tem cara de testemunha falsa, ou eu me enganarei.

FAGUNDES

Serei o que vossa mercê quiser.

SEMICÚPIO

Como se chama?

FAGUNDES

Ambrósia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

SEMICÚPIO

Isso são nomes ou alcunhas?

FAGUNDES

Será o que vossa mercê for servido.

SEMICÚPIO

Casada, ou solteira?

FAGUNDES

Nem casada, nem solteira; assim, assim.

SEMICÚPIO

Assim, como?

FAGUNDES

É que tenho o marido no Brasil há quarenta e sete anos.

SEMICÚPIO

De que anos casou?

FAGUNDES

De quarenta justos, que os fui fazer à porta da igreja.

SEMICÚPIO

Que anos tem?

FAGUNDES

Vinte e cinco bem puxados.

SEMICÚPIO

Não é nada: casou de quarenta, tem o marido no Brasil há quarenta e sete anos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se daí, bêbada, falsária, que a hei-de amarrar a uma escada e deitá-la por essa janela fora.

FAGUNDES

Eu não sei contar, senão pelos dedos. Ouça vossa mercê, que eu quero dar a minha quartada.

SEMICÚPIO

A quartada dei eu; ande, não cuide que se há-de lavar com uma bochecha de água; vá-se para dentro.

FAGUNDES

Eu vou rebolindo. *(Vai-se.)*

D. GILVAZ

Acaba já com isso.

(Entra Sevadilha.)

SEVADILHA

Sou criada de vossa mercê.

SEMICÚPIO

Ai, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encosto a vara, que estou varado. Menina, como é o seu nome?

SEVADILHA

Sevadilha, sem mais nada.

SEMICÚPIO

Que anos tem?

SEVADILHA

Sete mui fanados.

SEMICÚPIO

Só sete? Não sois má cartinha para um sete levar. Casada, ou solteira?

SEVADILHA

Estou para casar com um criado daqui do seu vizinho D. Gil, que ainda que feio, é mui carinhoso.

SEMICÚPIO

Esse foi o que furtou o capote a seu amo?

SEVADILHA

Esse mesmo.

SEMICÚPIO

Logo, é ladrão?

SEVADILHA

É o vício que tem, que se não fora isso era um moço perfeito.

SEMICÚPIO

Ai, Sevadilha, que esse ladrão...

SEVADILHA

Que tem, meu Senhor?

SEMICÚPIO

Nada, nada. E por um triz, que não deponho a judicatura e perco o juízo!
Assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.

SEVADILHA

Eu não sei escrever.

SEMICÚPIO

Porém, sabes muita letra! Vai-te aí para dentro. A rapariga me pôs a ver
jurar testemunhas.

SEVADILHA

Eu já vi uma cara que se parecia com a deste juiz. *(Vai-se.)*

SEMICÚPIO

Entre quem falta.

D. GILVAZ

Resta D. Clóris; Semicúpio, perdoa, que hei-de falar-lhe.

SEMICÚPIO

Faça o que lhe digo e não tenha graças comigo.

D. GILVAZ

Como estás inchado!

SEMICÚPIO

Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão.

(Entra D. Clóris.)

D. CLÓRIS

Senhor juiz, logo declaro que eu de furtos não sei nada, e só que D. Gil foi um dos da capoeira e está inocente, porque...

D. GILVAZ

Porque foi preciso obedecer-te, querida Clóris. *(Levanta-se.)*

D. CLÓRIS

Que vejo! D. Gil? Cobre alentos o meu coração.

D. GILVAZ

Não te admires dos sucessos de meu amor, que os influxos do teu alecrim sabem triunfar dos maiores impossíveis.

SEMICÚPIO

Aliás, que um Semicúpio sabe fazer possíveis as maiores dificuldades. Aí tem, Senhor D. Gilvaz, o seu bem de portas adentro! Tenho cumprido a minha palavras e, se não está bem servido, busque quem o faça melhor.

D. CLÓRIS

Uma vez que me vejo em tua casa, não porei mais em contingências a minha fortuna.

SEMICÚPIO

Isso mesmo; quem disse casa, casa.

(Entra D. Lancerote.)

D. LANCEROTE

Que é isto, Senhor Doutor? As testemunhas vêm e não tornam?

SEMICÚPIO

Já está concluída e sentenciada a devassa.

D. LANCEROTE

Quem são os culpados?

SEMICÚPIO

As Senhoras suas sobrinhas, que são umas finas ladras.

D. LANCEROTE

Minhas sobrinhas ladras? De que sorte?

SEMICÚPIO

Desta sorte; vamos saindo cá para fora.

(Vai Semicúpio trazendo a todos para fora, e diz o seguinte:)

SEMICÚPIO

Porque, vistos estes sucessos, consta que a Senhora D. Nise furtou o coração do Senhor D. Fuas, e a Senhora D. Clóris o de D. Gil; e assim é de razão que lho restituam, casando com eles, porque no matrimónio se entregam os corações com as vontades.

D. FUAS

Em cumprimento da sentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado desta rara invectiva de Semicúpio.

D. NISE

É de justiça esta acção. Que alegria!

D. GILVAZ

D. Clóris, dá-me o coração, que me tens na mão que te peço.

SEMICÚPIO

Isso é falar com o coração nas mãos. Senhora D. Clóris, case-se, mas não se arrependa.

D. CLÓRIS

Senhor D. Gil, o meu coração lhe entrego, em recompensa do que lhe roubei, se acaso é furto o que se dá por vontade.

SEMICÚPIO

D. Tibúrcio, tenha paciência e pague as custas, de permeio com o Senhor D. Lancerote, já que foram tão basbaques, que se deixaram enganar de mim. Semicúpio, tantos de tal mês, etc.

D. TIBÚRCIO

Senhor tio, seja-lhe para bem, que aqui já não há para onde apelar.

D. LANCEROTE

Nem eu me posso agravar, quando o matrimónio é o ditoso fim destes excessos.

SEVADILHA

Quem casa a tantos, porque se não casa a si?

SEMICÚPIO

Não me fales em remoque; já sei, Sevadilha, que queres casar comigo; e, pois a sentença passou em cousa julgada, demos as mãos e a boa vontade.

SEVADILHA

Oh, discreta mão que escreveu tal sentença!

FAGUNDES

E que há-de ser de mim, Semicúpio, que neste negócio também dei minha penada?

SEVADILHA

Em vindo a frota, virá teu marido.

D. GILVAZ

E, pois te consegui, galharda Clóris, publique a fama os vivas do alecrim, que triunfou de tantos impossíveis.

D. FUAS

Tende mão, que não é justo que roubeis à manjerona a parte que lhe toca no aplauso que merece; pois, à sombra de suas folhas, conseguistes muita parte da dita que possuíis.

FAGUNDES

Isso é verdade, senão diga-o a escada e a caixa.

D. TIBÚRCIO

Foi boa caixa.

D. GILVAZ

Que importa que a manjerona abra os caminhos aos favores, se o alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleios?

SEMICÚPIO

E, senão, diga-o também o fogo salvage, a medicina, a ministrice e a mãe de duas filhas.

D. TIBÚRCIO

Pois que vai, Senhor tio? É bico, ou cabeça?

D. LANCEROTE

Paciência por força.

D. CLÓRIS

Não se pode negar que venceu o meu alecrim, pois ele tocou a meta, pondo fim a nossos desejos.

D. NISE

A manjerona só merece aplausos, porque deu princípio a este fim.

SEMICÚPIO

Então, visto isso, venceu o malmequer, pois ele foi o meio entre o princípio da manjerona e o fim do alecrim.

SEVADILHA

Pois viva o malmequer!

D. GILVAZ

Tenho dito, venceu o alecrim.

D. FUAS

Se a eficácia das razões não basta a convencer-vos, esta espada fará confessar o triunfo da manjerona.

SEMICÚPIO

Deixe estar a folha, que as da manjerona não são o Alcorão de Mafoma, para que se defendam à ponta de espada; e, pois estou feito juiz, pela autoridade que tenho declaro que ambas as plantas venceram o pleito, pois cada uma fez quanto pôde; e, para que se acabem essas guerras do alecrim e manjerona, mando que os dous ranchos façam as pazes e se ponha perpétuo silêncio nesta matéria, sob pena de serem assuntos de minuets e andarem por boca de poetas, que é pior que pelas bocas do mundo.

TODOS

Pois viva o alecrim e viva a manjerona!

SEMICÚPIO

E viva todo o bicho vivo!

D. LANCEROTE

Vivamos todos, meu sobrinho.

D. TIBÚRCIO

Essa é a verdade.

SEMICÚPIO

E como não há triunfo sem aclamação, enquanto o coro não principia a festejar este aplauso, coroemos esta obra com as ramas da manjerona e alecrim.

CORO

D. NISE e D. FUAS

Viva a manjerona
Perpétua no durar.

D. CLÓRIS e D. GILVAZ

Viva o alecrim
Feliz no florescer.

TODOS

Viva a manjerona,
Viva o alecrim,
Pois que um soube vencer,
E a outra triunfar.

D. NISE e D. FUAS

No templo do Cupido
Troféu de amor será.

D. CLÓRIS e D. GILVAZ

Nas aras da fineza
Em chamas arderá.

TODOS

Viva a manjerona,
Viva o alecrim,
Pois que um soube vencer,
E a outra triunfar.



António José da Silva

Nome completo: António José da Silva Coutinho

Nascimento: 8 de Maio de 1705, São João de Meriti

Morte: 19 de Outubro de 1739, Lisboa

Ocupação: Escritor e dramaturgo

Principais trabalhos: *Guerras do Alecrim e Manjerona*